

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Everton Idalicio Caetano

**O Futebol como propaganda política: Análise do
discurso da revista VEJA na cobertura do mundial de
1970 no México.**

Florianópolis
2015

Everton Idalicio Caetano

O Futebol como propaganda política: Análise do discurso da revista VEJA na cobertura do mundial de 1970 no México.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciatura e Bacharel em história sob orientação da professora Dra. Liane Maria Nagel.

Florianópolis, 03 de Julho de 2015.

Florianópolis
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos três dias do mês de julho do ano de dois mil e quinze, às quinze horas, na Sala 10 do Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora **Liane Maria Nagel**, Orientadora e Presidente, Professor **Rodrigo Bragio Bonaldo**, Titular da Banca, e Professora **Patricia Schatz**, Suplente, designados pela Portaria nº 75/TCC/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Everton Idalicio Caetano**, subordinado ao título: “**O Futebol como propaganda política: Análise do discurso da revista VEJA na cobertura do mundial de 1970 no México**”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora **Liane Maria Nagel**, a nota final **..3,0..**, do Professor **Rodrigo Bragio Bonaldo**, a nota final **..2,0..**, e da Professora **Patricia Schatz**, a nota final **..3,0..**; sendo aprovado com a nota final **...2,0..**. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia dezesseis de julho de dois mil e quinze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 3 de julho de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Liane Maria Nagel..... *Liane Maria Nagel*

Prof. Rodrigo Bragio Bonaldo..... *Rodrigo Bragio Bonaldo*

Prof. Patricia Schatz..... *Patricia Schatz*

Candidato . Everton Idalicio Caetano..... *Everton Idalicio Caetano*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o
acadêmico(a) Everton Idalício Caetano, matrícula
n.º 09161013, entregou a versão final de seu TCC cujo título é
O futebol como propaganda política: análise do discurso da revista Veja
na cobertura do mundial de 1970 no México.
com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 09 de Julho de 2015.

Jaquel Borges

Orientador(a)

RESUMO

O presente trabalho foi o resultado de uma pesquisa realizada no arquivo digital da revista *Veja*, onde foi analisado o discurso editorial durante as eliminatórias até a conquista da Copa do Mundo de 1970, levando em consideração o contexto político e social durante o regime civil militar brasileiro. Por meio da pesquisa na fonte, pretende-se contextualizar os fatos que marcaram a conquista através das reportagens do semanário e a partir dessa abordagem compreender o cenário político e social durante a conquista do mundial de 1970, bem como a postura editorial da revista.

Palavras chaves: Futebol, Seleção Brasileira, Copa do Mundo, Ditadura civil militar, Revista *Veja*, Imprensa.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo 1 – A bola, os anos de chumbo e Veja.....	12
1.1 - Futebol e Política.	12
1.2 - A imprensa e a censura durante a Copa no México: O caso Veja.	19
Capítulo 2 - Veja e o caminho da Copa.....	22
2.1 - As eliminatórias para Copa de 1970	22
2.2 - Substituição: sai Saldanha entra Zagalo.....	27
Capítulo 3 - Pra frente Brasil.....	33
3.1 -A preparação.	33
3.2 - A campanha.	36
3.3 - A euforia.	40
3.4 - Um contraponto editorial: Veja x O Pasquim.	42
Conclusão.....	48
Referências Bibliográficas	51
Anexos.....	54

INTRODUÇÃO

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria dividiu o mundo em dois grandes blocos, de um lado o mundo capitalista comandado pelo EUA, de outro o mundo socialista comandado pela URSS. As divergências entre as duas potências provocaram alterações diretas nos campos político e econômico de vários países por todo globo. A queda do presidente cubano Fulgêncio Batista, em 1959, causada pela revolução cubana liderada por Fidel Castro e Che Guevara no “quintal” dos EUA e a aproximação da mesma com o bloco socialista, fez os EUA implementarem uma política externa de forte influência e de intervenção na América Latina.

No início dos anos 60 a política brasileira passava por um momento de turbulência após a renúncia do então presidente eleito Jânio Quadros. Seu vice, João Goulart, assumiu o cargo falando em reformas de base, desagradando tanto militares como empresários. Jango, como era conhecido, foi deposto por fomentar reformas sociais de cunho popular que, para os olhos da elite brasileira e dos estadunidenses poderiam levar o Brasil a se tornar uma “nova Cuba”. Nas sombras, o governo norte americano se armava com ajuda de civis e militares brasileiros para derrubar um governo eleito democraticamente. As reformas de base com viés reformista de cunho social eram um passo muito grande para a elite brasileira e para os EUA. Estava pronta e arquitetada a operação Brother Sam, um apoio militar e logístico extremamente intervencionista por parte do governo estadunidense, para a elite brasileira contrária aos planos de Jango.

Portanto, se as principais causas do golpe estavam de fato no Brasil e se sua deflagração deveu-se a personagens brasileiros, também é certo que a participação norte-americana foi decisiva: a “Operação *Brother Sam*” não foi pouca coisa. Ela foi importante não apenas porque expressou a disposição intervencionista dos Estados Unidos, mas também porque comprometeu seus idealizadores com um longo processo de justificação da ditadura militar brasileira¹.

¹ FICO, Carlos. *O grande Irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 101.

Dentro deste contexto, ocorreu o golpe civil militar no Brasil em março/abril de 1964, intitulada como revolução e anunciada como passageira e saneadora. A partir daí o governo civil militar foi criando consistência na qual onde a política era exercida pelas forças armadas, com amplos poderes para suspender direitos políticos, cassando mandatos e fechando o Congresso.

Se no campo da política era tempo de indefinição, a prática esportiva mais amada pelo povo brasileiro ia muitíssimo bem. Eram tempos de glória e os anos dourados atravessaram os anos 50 e romperam os 60. O otimismo de uma época deixava complexos de lado. O Brasil com a conquista do primeiro título mundial de futebol organizado pela FIFA em 1958 e através do bicampeonato conquistado em 1962 no Chile livrou-se definitivamente do complexo de vira latas instituído por Nelson Rodrigues após a derrota na copa de 50 para o Uruguai em pleno Maracanã.

A seleção que disputou a copa do mundo de 1970 deixou saudades e recordações nos corações dos mais saudosistas e amantes do futebol arte, sendo considerada por muitos a maior de todos os tempos. Com forte amparo midiático e televisivo, novidade na época, a arte demonstrada nos campos mexicanos e a apoteose conquista da copa do mundo gerou um otimismo e orgulho no brasileiro muito explorado pelo regime de exceção.

Entendemos que é importante voltar ao tema do Regime Civil Militar no Brasil, muito em função do uso por parte da ditadura, do futebol como instrumento de propaganda política, divulgando ideias de identidade, unidade e participação nacional. As vitórias e a conquista da copa de 1970 permaneceram para muitos como referência dos piores anos do regime ditatorial então governado pelo general Emílio Garrastazu Médici, onde as relações entre futebol e política se intensificam através de um forte amparo da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), órgão responsável pela propaganda oficial do governo. Segundo Fico:

Um regime autoritário de supressão das liberdades, meios de comunicação de massa modernos e com larga cobertura nacional, agências de publicidade profissionalizadas e sequiosas das contas governamentais: que se poderia esperar de uma tal combinação de fatores? Precisamente a criação de um dos maiores sistemas de propaganda política de um governo autoritário da época contemporânea².

² FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.117.

Com o golpe já consumado, os militares não perderam tempo em ampliar seus poderes, diminuindo ou suspendendo aos poucos a participação do poder Legislativo e do Judiciário através de atos, cujo Ato Institucional número 5, AI-5 editado em 13 de dezembro de 1968, considerado o mais arbitrário de todos, suspendia os direitos e garantias civis em nome de uma “suposta” segurança nacional.

Esclarecidas estas questões afirmo que o grande objetivo deste trabalho é compreender a atuação de um órgão específico da imprensa nacional, a revista *Veja*, durante a cobertura da copa de 1970 no México sob a ótica das matérias publicadas desde as eliminatórias até a conquista do tricampeonato mundial. Através de uma análise dos textos percebemos que a revista construiu seu discurso tendo como perspectiva um contexto de grande endurecimento e censura editorial por parte do regime. Em função disso buscaremos responder como o futebol era tratado nas reportagens e como foi construída a relação entre governo, futebol e as matérias de *Veja*

O método utilizado será a análise a partir do recorte histórico, das eliminatórias até a conquista, através dos fatos publicados pela revista *Veja*, tendo como conteúdos dados encontrados nas fontes e interagindo da melhor forma com a historiografia abordada. Tentarei escolher os textos publicados pela revista e com isso trabalhar as reportagens enquanto instrumentos necessários para propor reflexões que ajudem a chegar a nosso objetivo.

O principal objetivo deste trabalho de conclusão de curso centrou-se em analisar o futebol como propaganda política usando como fonte os textos da revista *Veja* a respeito da cobertura do mundial de 1970 no México. Por isso nos preocupamos num primeiro momento em escrever sobre a relação entre futebol e política. Nesta parte faremos um breve histórico da introdução do futebol no mundo e no Brasil relacionando seu caráter mobilizador como ferramenta importante na construção social e política do país. Selecionando alguns exemplos ao longo da história em que o futebol foi associado a um projeto político de governo, mostramos como a utilização do feito esportivo e sua potencialidade propagandística foi utilizada por regimes autoritários ao longo da história. Levando em consideração o contexto político do Brasil destacamos o forte período repressivo em que a imprensa apresenta uma postura muito associada ao discurso oficial em função da censura imposta a todos os seguimentos de comunicação do país.

No segundo capítulo destacaremos principalmente como a revista *Veja* trabalhou a cobertura das eliminatórias para Copa do Mundo de 1970, desde as críticas em relação à preparação da seleção na Copa anterior, bem como os momentos de crises enfrentados pelo futebol brasileiro até a chegada do treinador João Saldanha. Com o novo treinador no comando da seleção, o Brasil passou pelas eliminatórias da Copa de forma invicta dando a impressão de tranquilidade que terminaria com a demissão de João Saldanha e a entrada de Zagalo as vésperas da Copa de 70. A seleção brasileira em mais uma crise, saiu do Brasil sem dar muitas esperanças ao torcedor brasileiro.

A parte final da pesquisa será abordado a preparação da seleção para disputa da Copa do Mundo de 1970 na altitude do México sobre forte amparo do regime civil militar. A preparação, inovadora e muito bem elaborada, foi realizada com grande sucesso obtendo ótimos resultados sendo lembrada até hoje como fator importante na conquista do tricampeonato. Toda caminhada da seleção brasileira até a conquista foi abordado sob o olhar da revista, além disso, a importância dada por *Veja* no momento de euforia que tomou conta do país mostrou como o discurso do semanário foi ao encontro do discurso oficial. Para finalizar, foi realizada uma comparação entre a revista *Veja* e o jornal *O Pasquim*, periódico de resistência ao regime. A partir de três situações ao longo do período estudado mostrando como o discurso da revista *Veja* estava associado ao discurso oficial.

Em relação aos conceitos tratados, podemos destacar o conceito de nação, nacionalidade e unidade nacional. Para tanto para trabalhar conceitos como sentimento de nação e nacionalidade cabe lembrar o trabalho de Benedict Anderson:

O sentido de nação nada mais é do que uma comunidade limitada, soberana e, sobretudo imaginada. Limitada porque por maior que elas sejam, sempre haverá fronteiras finitas; soberana porque pressupõe lidar com um grande pluralismo vivo e finalmente imaginada, porque seus indivíduos, mesmo nunca conhecendo integralmente uns aos outros, compartilham signos e símbolos comuns, que fazem reconhecer-se como pertencentes a um mesmo espaço imaginário³.

³ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32-33.

Em relação ao conceito de unidade nacional podemos destacar a obra de Douglas W. Vasconcellos em *Esporte, Poder e Relações Internacionais*, onde:

As razões que fizeram do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas teriam sido a facilidade e a facilidade de provocar, mesmo nos menores atores políticos individuais ou públicos a identificação com a nação. A imaginária comunidade de milhões de concidadãos parece mais real, mais protagonista, na forma de um time de jogadores nomeados. O indivíduo, mesmo o simples torcedor, torna-se o próprio símbolo de sua nação⁴.

Para trabalhar com a imprensa escrita pode-se gerar um problema que deve ser enfrentado como nos orienta a obra de Gerson Wasen Fraga:

Em primeiro lugar, lembremos que a utilização da imprensa como fonte histórica demanda, como no caso de qualquer outra fonte, uma série de cuidados específicos. Inicialmente, devemos evitar o senso comum que atribui à palavra escrita o status de verdade incontestável. O texto jornalístico, assim como qualquer outro documento, é naturalmente, uma criação, por alguém produzindo e refletindo não uma verdade, um acontecimento em si, mas antes uma opinião, uma perspectiva pessoal sobre determinado acontecimento. Esta leitura pessoal do real, contudo, não se dá de forma neutra, uma vez que, após produzida, pode ser reproduzida pelo conjunto da sociedade, sendo capaz, portanto, de ser assumida pelo coletivo como retrato fiel da verdade⁵.

Portanto realizar um trabalho sobre futebol e relacionando-o ao regime civil militar brasileiro, especificamente durante a Copa do Mundo de 1970, não parece ser a forma mais original tendo em vista serem dois assuntos muito estudados e debatidos pela historiografia. Porém acreditamos ser pertinente e atual a retomada destas questões levando em consideração o momento em que pequena parte da sociedade brasileira vai às ruas pedirem uma intervenção militar no Brasil, esquecendo ou passando por cima de tudo que aconteceu durante os 21 anos de chumbo.

⁴ VASCONCELLOS, Douglas W. de. *Esporte, Poder e Relações internacionais*. Brasília: Fundação Gusmão, 2011, p. 11.

⁵ FRAGA, Gerson Wasen. *A “derrota do jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2009, p. 35.

CAPÍTULO 1 – A BOLA, OS ANOS DE CHUMBO E VEJA.

1.1 - Futebol e Política.

Quem nunca tentou escalar uma seleção? Deu palpites sobre quem deva entrar ou sair de seu time de coração? Ou buscou nos jornais informações sobre seu time ou seleção? O futebol desperta paixões e é importante ator na história do povo brasileiro, até mesmo os que não apreciam o esporte mais popular do mundo já se viram diante de uma televisão e envolvidos por um jogo de futebol.

Inicialmente para explorar o futebol como membro importante na construção social e política do país, devemos discutir as origens do esporte. A gênese do futebol contemporâneo é o que Richard Giulianotti em sua obra chama de futebol “primitivo”. Refere-se aos jogos de bola desde os tempos medievais, considerados precursores do futebol que hoje conhecemos, mas com características bem diferentes. Segundo o autor:

Os sociólogos que seguem a linha de Durkheim argumentam que o futebol “primitivo” funcionava para manter a ordem social e integrar os indivíduos no âmbito local. Da mesma maneira que muitos carnavais, esses jogos de futebol promoviam a ordem social a longo prazo, dando maturidade aos jovens⁶.

É relevante notar a importância que o futebol teve no processo educacional já na Era “primitiva” sendo fator preponderante na formação dos jovens. O futebol contemporâneo esteve ligado no seu início à elite inglesa que rapidamente se difundiu com forte influência do Império Britânico que dominava boa parte dos territórios/populações mundiais. De acordo com Hilário Franco Júnior:

A propagação do futebol seguiu a lógica da influência cultural inglesa: de início nas próprias ilhas britânicas, a seguir na Europa germânica, depois na Europa latina, pouco mais tarde na América Latina. Não foi casual que nesta região vários clubes tenham adotados nomes ingleses [...]⁷.

⁶ GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010, p. 17.

⁷ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 23.

No Brasil a introdução do esporte se deu através do jovem Charles Willian Miller descendente de escoceses radicados em São Paulo. Enviado à Inglaterra para finalizar seus estudos o jovem paulistano trouxe na bagagem duas bolas de futebol e um livro de regras. Foi o começo de uma longa e duradoura relação amorosa, gerando fortes laços de identificação entre o esporte bretão e o povo brasileiro.

No início do século XX com o surgimento de clubes e entidades ligadas ao futebol, com a organização de jogos entre países, através dos seus selecionados, o futebol desperta interesses de dirigentes e políticos. Dentro deste contexto surge a ideia de civismo, onde o futebol representaria a própria nação. A partir de 1930 com a disputa da primeira Copa do Mundo realizada no Uruguai, permitiu que a cada quatro anos se vislumbrasse uma disputa entre diversas nacionalidades. Segundo Eric Hobsbrawm:

O espaço entre as esferas privada e pública também foi preenchido pelos esportes. Entre as duas guerras, o esporte como um espetáculo de massa foi transformando numa sucessão infindável de contendidas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações, o que hoje faz parte da vida global. Até então, ocasiões como os Jogos Olímpicos e partidas internacionais de futebol interessavam principalmente ao público de classe média (apesar de os Jogos Olímpicos já começarem a assumir ares de competições nacionais mesmo antes de 1914), e as partidas internacionais foram realmente organizadas com o objetivo de integrar os componentes nacionais dos Estados multinacionais. Eles simbolizavam a unidade desses Estados, assim como a rivalidade amistosa entre suas nações reforçava o sentimento de que todos pertenciam a uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que proviam uma válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudolutas⁸.

Após a copa do mundo de 1938 e com o expressivo resultado obtido pela Seleção Brasileira, conquistando um terceiro lugar perdendo para a Itália que seria a campeã do torneio, se tornou um marco para relação futebol e política. Isto foi considerada uma vitória do regime autoritário de Getúlio Vargas que leva à utilização do futebol como programa do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo. Segundo Franco Júnior:

Na mesma lógica que orientava as medidas corporativistas do Estado Novo, em 1941 foi criado o Conselho Nacional dos Desportos (CND), vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, que subordinava a CBD e as federações regionais e tinha poder de fiscalização, normatização e organização de todas

⁸ HOBSEBWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 170-1.

as modalidades esportiva do país. Seus objetivos eram a modernização desportiva e sua utilização para a legitimidade do regime. Ou melhor, a modernização esportiva para aquilo que parecia a modernização do Estado e da sociedade⁹.

Importante notar a relação modernizante entre Estado e sociedade, utilizada pelo interesse de políticos através da seleção, gerando a construção de nossa identidade. Podemos notar, mesmo não sendo o foco do nosso trabalho, que o futebol não foi somente utilizado por regimes autoritários, mas também por regimes democráticos que não perderam a oportunidade de se beneficiar com a boa imagem que o futebol proporciona. Até hoje a recepção de uma delegação vitoriosa no âmbito esportivo é utilizada por vários estilos ideológicos de governos. No caso brasileiro a imagem do ditador Médici recebendo os tricampeões mundiais foi repetida durante os anos pós-regime, com a conquista em 1994 com o presidente Itamar Franco recebendo os Tetracampeões e em 2002 onde o jogador Vampeta do Corinthians, um dos times mais populares do mundo, deu a famosa cambalhota na rampa do Palácio do Planalto ao lado do presidente Fernando Henrique Cardoso para comemorar o título da Copa do Mundo realizada no Japão e na Coreia do Sul.

Falar sobre a importância que uma copa do mundo tem para um país como o Brasil não parece ser algo novo, mas podemos notar que a maior expressão de nacionalismo se dá exatamente em quatro em quatro anos durante a copa do mundo de futebol. Nem mesmo o mais apaixonado pelo esporte se pinta diariamente ou se veste com as cores da nação esperando ansiosamente pelo ápice do escrete canarinho. Com cinco conquistas (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002) o Brasil é o único país no planeta detentor desse feito, além de ter ficado em segundo lugar em duas oportunidades e de ter participado de todos os mundiais organizados pela FIFA.

A importância do futebol e do evento organizado pela FIFA não iria passar despercebido pelos olhos atentos dos regimes autoritários. Dentre muitos exemplos da utilização do futebol como ferramenta política podemos citar o caso da copa de 1938 realizada na França. O Governo fascista comandado por Benito Mussolini aproveitou-se do evento para divulgar sua ideologia e transformar a vitória da *squadra azurra* como sinônimo de superioridade do modelo fascista italiano. Segundo Franco Junior:

⁹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 81.

As leis racistas que seriam promulgadas em novembro por Mussolini tiveram uma amostra em junho, após a vitória sobre o Brasil na semifinal, saudada pela imprensa fascista como “o triunfo da inteligência itálica contra a força bruta dos negros”. A conquista da Itália foi definida pelo editorial de *La Gazeta dello Sporte* (20/6/1938) como “algo mais que vitória esportiva conquistada à custa de músculos e de inteligência em um torneio muito cansativo e insidioso. Para além da vitória, resplandece a vitória da raça”¹⁰.

Outro exemplo é o caso da copa do mundo realizada na Argentina em 1978 conquistada pela anfitriã. Após o golpe a junta militar que comandava a Argentina decidiu pela manutenção do evento, mantendo um desafio interno importante, pois o regime truculento que violava os direitos humanos viu no mundial de 1978 uma forma de melhorar sua imagem perante organizações internacionais. Com a conquista do primeiro título mundial de futebol a população foi às ruas comemorar o feito histórico como aborda Livia Gonçalves Magalhães:

A vitória na copa e as comemorações ao longo do torneio foram, para muitos, uma manifestação popular sem precedentes na história do país. De fato, diferente do caso brasileiro que teve importantes manifestações nos primeiros anos da ditadura, os argentinos não saíram às ruas pelo menos desde antes do golpe em março de 1976.[...] Afirmavam ser aquela uma comemoração que unia a população sem conflitos políticos, que marcava a história recente do país[...]¹¹.

A seleção brasileira que disputou a copa do mundo de 1970 no México foi considerada a maior representante do futebol arte de todos os tempos. Dessa forma e através da posse definitiva da taça Jules Rimet¹², o governo civil militar não perderia a oportunidade de utilizar a vitória nos gramados mexicanos como marco único na história nacional. Importante temporalizar o período em que se passou a Copa do

¹⁰ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 51.

¹¹ MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Tese (Doutorado) – UFF, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013, p. 146.

¹² Apenas cinco seleções tiveram a chance de sentir o peso da taça, Uruguai (1930 e 1950), Itália (1934 e 1938), Alemanha (1954), Inglaterra (1966) e Brasil (1958, 1962 e 1970) sendo que a posse definitiva ficaria com o país que conseguisse vencer um total de três edições da Copa.

Mundo de 1970 vencida pelo escrete canarinho, neste momento o Brasil passava pelo pior período de repressão sob a cortina do AI 5 e da alta popularidade do presidente/general Emílio Garrastazu Médici conquistada muito em função do “milagre econômico”.

Após o golpe civil militar de 1964, a ideologia política do regime foi essencialmente liberal com forte amparo na ideia de segurança nacional, sendo o Exército a instituição responsável pelo crescimento, desenvolvimento e segurança do país. Nesse sentido os militares ampliaram o poder do Executivo, diminuindo gradativamente a participação política do Legislativo e do Judiciário, controlando e atuando desde o início do golpe, em todas as esferas da sociedade.

O clima político em 1968 não era favorável ao regime; greves, comícios, passeatas e todo tipo de manifestação era organizada para protestar contra o regime autoritário. Esse clima de tensão, culminou na edição do Ato Institucional número 5 (AI 5) já no final do mandato do então presidente Arthur da Costa e Silva. Foi editado em 13 de dezembro de 1968 para combater os setores oposicionistas, que segundo os militares mais radicais da caserna, só poderiam ser abafados através do aumento do autoritarismo. O AI 5 dava plenos poderes ao Executivo e suspendia várias garantias constitucionais; além de decretar o recesso do Congresso Nacional que só poderia retomar suas atividades através de uma convocação do Executivo, poderia também suspender direitos políticos de qualquer cidadão, exercendo ao mesmo tempo o poder do Legislativo e do Judiciário. Tudo em nome da manutenção dos valores da família brasileira, contra a subversão capitaneada pelos inimigos comunistas.

A Copa do Mundo de 1970 seria a segunda sob a administração do regime autoritário que trabalhou de forma efetiva no processo de formação da comissão técnica para não acontecer o desastre ocorrido durante o mundial de 1966 disputado em solo Inglês. Nesta ocasião a Seleção Brasileira chegava com status de ser a vencedora dos últimos dois torneios (1958 e 1962), porém com uma geração envelhecida, o resultado dentro de campo foi píffio, com uma vitória e duas derrotas o Brasil foi eliminado na primeira fase da competição. Jamais, até então, a seleção detentora do título fora eliminada na primeira fase da competição. A geração de ouro comandada por Garrincha, Gilmar, Djalma Santos e outros se despedia de forma melancólica da Seleção Brasileira nos gramados da rainha da Inglaterra.

Antes da nona Copa do Mundo que seria disputada no México em 1970 a seleção brasileira passou por uma fase de reconstrução após o péssimo resultado obtido na Copa anterior. Este período ficou marcado pelas constantes crises em torno da seleção. O responsável pela renovação do escrete canarinho se deu sobre o comando de Aimoré Moreira, que não aguentou uma sucessão de derrotas e as duras críticas da imprensa sendo substituído do comando da seleção em 1968 dando lugar a um jornalista que mantinha estreita ligação com o partido comunista: João Saldanha.

As “feras do Saldanha” venceram as seis partidas das eliminatórias classificando a seleção para Copa do México. Devido a mais uma crise envolvendo diretamente João Saldanha a CBD trocava o comando técnico da seleção colocando Mário Jorge Lobo Zagallo à frente do comando da equipe que conquistaria o tricampeonato mundial. Antes do embarque para o México o presidente/general Emílio Garrastazu Médici recebeu toda delegação em uma recepção de despedida e de boa sorte. O general era fanático por futebol, isso serviu como instrumento para construção de uma boa imagem do líder máximo da nação com os setores populares.

Durante a campanha o Brasil fervia politicamente, enquanto a seleção se preparava para os jogos finais, ocorria no dia onze de junho no Rio de Janeiro o sequestro do embaixador Alemão Ehrenfried von Holleben, por organizações de resistência ao regime¹³. Este fato mostra como o futebol foi associado ao discurso oficial do governo como mostra o comunicado publicado pela revista Veja:

O Ministério do Exército distribui a seguinte nota: “Guadalajara – Urgente. Causou profundo impacto na Seleção a notícia chegada ao México sobre o sequestro do embaixador alemão. Pelé, Brito, Rivelino, Clodoaldo e outros craques lamentaram que maus traidores e criminosos venham quebrar a tranquilidade e o entusiasmo da Seleção. Lamentaram nossos craques que os terroristas, a serviço de países comunistas, tentem com atos criminosos atingir um país amigo¹⁴.”

¹³ Foi atribuído o sequestro as seguintes organizações: *Ação Libertadora Nacional*(ALN) e *Vanguarda Popular Revolucionária*(VPR).

¹⁴ Revista Veja 17/06/1970; p.27.

O futebol permitia ao regime autoritário a promoção de uma unidade nacional gerando um consenso social em torno da seleção que estaria sendo afetada pelos atos subversivos de uma minoria ligada ou a serviço dos interesses internacionais.

Com a conquista invicta da seleção, 4 a 1 na Tchecoslováquia; 1 a 0 na poderosa e atual detentora do título Inglaterra; 3 a 2 na Romênia, 4 a 2 na seleção Peruana, 3 a 1 no Uruguai e 4 a 1 contra a Itália surgiu uma comoção elevando o futebol brasileiro à categoria de arte popular embalado pela marchinha “Noventa milhões em ação/ Pra frente Brasil, no meu coração/ Todos juntos, vamos pra frente Brasil/ Salve a Seleção!!!”. A música fala em união de todo o país em um único objetivo, onde todos torcedores do país seriam responsáveis pela conquista. Isso fica nítido com a mensagem do presidente Médici ao povo brasileiro proferido no dia 21 de junho de 1970, após a conquista.

Na hora em que a Seleção Nacional de Futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam no Presidente da República um brasileiro igual a todos os brasileiros que acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável nesse país e nesse povo, no sentimento da mais pura exaltação patriótica.

Na vitória esportiva, a prevalência de princípios que nos devemos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional. E desse ciclo a nossa conquista, a vitória da unidade e da conquista de esforços. A vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e serenidade dos capacitados, da técnica, do preparo físico e da categoria.

Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva.

Neste momento de vitória, trago ao povo minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro¹⁵.

No discurso proferido pelo presidente fica clara a intenção do regime autoritário de demonstrar um país “unido”, sendo essa união responsável pela conquista da Copa. O futebol era elemento de promoção do próprio autoritarismo onde a Seleção tornou-se espaço de identificação e diálogo entre o regime e vários setores da sociedade brasileira.

¹⁵<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/emilio-medici/discursos-1/1970/16/view>.

Acessado em 30/03/2015.

1.2 - A imprensa e a censura durante a Copa no México: O caso Veja.

A grande maioria dos meios de comunicação durante a época do governo Médici compartilhavam com a ideologia autoritária do regime, influenciada por fatores como a censura, velha conhecida dos meios de comunicação, através de uma política de concessão de licenças onde o governo criava um vínculo político que converteria em uma rede de comunicação “não oficial”. Isso ocorria principalmente pela força do capital, fonte importante no processo de dominação dos meios de comunicação, influenciando de forma eficaz na atuação da imprensa e vinculando a mesma as regras do sistema capitalista liberal implantado pelo governo civil militar.

Não podemos deixar de citar casos de resistência na imprensa a essa estrutura, como o caso do jornal O Pasquim, que falaremos no capítulo três deste trabalho, e os semanários Opinião e Movimento entre outros. Com raízes no ideário nacional-popular dos anos dourados e no marxismo que tomava conta dos meios estudantis nos anos 60, estes periódicos funcionavam de maneira dogmática, denunciando os problemas do endividamento externo e das tensões sociais que a grande mídia abafava.

O país estava sendo regido pelo AI-5, maior instrumento de repressão do regime para eliminar a oposição ou pelo menos calar as vozes discordantes. Importante notar que o endurecimento da repressão após o AI-5 não pode encobrir as arbitrariedades, como prisões e práticas de tortura que o regime já vinha cometendo contra vários setores da sociedade. No caso da imprensa, Nelson Werneck Sodré nos conta que:

Logo nos primeiros dias, começou a destruição de qualquer resistência na imprensa: *Última Hora* foi invadida e depredada; os jornais e revistas nacionalistas ou esquerdistas foram fechados; instaurou-se rigorosíssima censura no rádio e na televisão; numerosos jornalistas foram presos, torturados, exilados, e alguns tiveram seus direitos políticos cassados [...]¹⁶.

Dentro dessa atmosfera política, é decretado no dia 26 de janeiro de 1970 o DECRETO-LEI N° 1077 para controlar os órgãos de imprensa como forma de transmitir o pensamento oficial do Estado em nome da moral e dos bons costumes. De acordo com o artigo primeiro do decreto não seriam toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que fossem os meios de comunicação. O decreto dava total poder ao Ministério da Justiça, através do

¹⁶SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 435.

Departamento de Polícia Federal sendo possível verificar quando julgasse necessário, antes da divulgação de livros e periódicos, a existência de matéria infringente da proibição enunciada no artigo anterior. Tendo em vista o período comandado pelo general Médici, é razoável afirmar que os meios de comunicação não estatais criaram um componente ideológico importante para o regime na tentativa de unir um país fragmentado e economicamente excludente e repressor.

Surgida em 11 de setembro de 1968 e idealizada por Roberto Civita, a revista *Veja*, ferramenta de nosso estudo, almejava ser a “*Time Brasileira*”. Seu idealizador, que cursou jornalismo no EUA, ficou 18 meses atuando como estagiário na revista estadunidense *Time*. Em meio à forte repressão política, a revista ligada à Editora Abril, alcançou um número surpreendente de tiragem já na primeira edição, atingindo a marca de 650 mil exemplares. Esse número despencou ao longo das próximas edições até a revista criar um foco editorial que gerasse ou despertasse o interesse dos leitores. No ano de 1969, *Veja* encontra sua identidade na crise de sucessão do presidente Costa e Silva. A política seria o carro chefe da revista semanal. Durante um período de censura, pouquíssimas notícias sobre a esfera política eram publicadas e, foi exatamente neste campo que *Veja* encontrou seu espaço.

Neste período *Veja* publicou reportagens dos diferentes grupos em disputa pela presidência sempre de forma neutra, conseguindo até certo ponto uma censura “menos rigorosa” até começar a sequência de reportagem denunciando a tortura por parte do governo.

No dia 10 de dezembro de 1969, *Veja* lançou, após um longo período de apuração, uma matéria em que foram levantados mais de 150 casos de tortura pelo regime militar no Brasil (três deles contados em detalhes). Saiu uma ordem do presidente Médici proibindo na imprensa qualquer referência ao assunto tortura e, para que a revista pudesse chegar às bancas, o diretor de redação Mino Carta mandou desligar os telefones da redação da revista para que esta ordem não chegasse e a edição sobre as torturas pudesse sair. E mais uma vez a revista foi recolhida nas bancas¹⁷.

No dia 15 de outubro de 1969 a revista lança sua edição número 58 com a foto do futuro presidente do Brasil, General Garrastazu Médici com seu neto segurando uma pequena flâmula do Sport Club Corinthians, aproximando a imagem do futuro presidente com a população. Na mesma edição, uma reportagem com o título O ESTILO DO CANDIDATO – PRESIDENTE na página 19 mostra toda atmosfera

¹⁷ FRANÇA. Renné Oliveira. *40 anos em revista. Representações e memória social nas capas de Veja*. Tese (Doutorado) – UFMG, Programa de pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2011, p. 31.

favorável criada em torno do futuro presidente do Brasil, elogiando sua voz e sua aparência, porém criticando sua postura frente à primeira aparição pública.

Na mesma reportagem, o espaço aberto ao esporte e principalmente ao futebol não poderiam ficar de fora. Com o subtítulo *É FLAMENGO* a matéria trata o esporte como verdadeira paixão do presidente, informando que o mesmo era torcedor do Grêmio no Sul e Flamengo no Rio, sempre acompanhado do seu radinho à pilha para ouvir as partidas de seus times de coração. Do mesmo texto extraímos este trecho que consideramos significativo:

De uma certa forma, parece que o nôvo (sic) presidente pensa no desenvolvimento como uma grande partida de futebol: do povo contra o atraso. “Na marcha para o desenvolvimento, o povo não pode ser espectador. (...) Precisamos reproduzir na vida político-administrativa aquilo que conseguimos até hoje nas atividades esportivas ou artísticas. De fato é significativo que tenhamos obtido expressivos triunfos exatamente naqueles setores em que ocorre uma entusiástica e comovida participação do povo”¹⁸.

Durante a cobertura da Copa do Mundo de 1970, a revista *Veja* como todos os meios de comunicação estavam tutelados pelo regime autoritário, as matérias publicadas pelo semanal neste período mostram a preocupação em associar o esporte mais popular do país com a imagem do governo, criando a ideia de identidade nacional ao vincular o futebol aos sentimentos de nacionalidade.

Uma arte popular e barata: o futebol não requer alfabetização, duas pedras fazem o gol, uma bola faz o jogo. Essa economia o tornou tão difundido. São mais de 10.000 partidas a cada domingo, da qual participam ou já participaram 85% dos brasileiros. Toda a população, assim, é parte ativa no processo de criação dessa arte que é o futebol.

Por isso é possível o acordo entre o intelectual e o semi-analfabeto, sôbre (sic) a beleza dêste (sic) ou daquele gol. Todos tem direito a opinar, e essas opiniões pouco divergem, na verdade. Foi a nação em pêsso (sic) que obrigou, por exemplo, Zagallo a mudar o Selecionado na partida contra a Áustria. Se houvesse uma pesquisa nacional sôbre (sic) os cinco ou dez melhores jogadores da atualidade, a unanimidade seria impressionante¹⁹.

Toda a população, todos tem direito a opinar e unanimidade, palavras ou frases encontrada na reportagem que vão ao encontro do discurso oficial. O entusiasmo que o esporte traria aos brasileiros era justificado pela arte de opinar, por um sentimento de grandeza e unidade, era o discurso da revista *Veja* vinculada à propaganda governamental.

¹⁸ Revista *Veja* 1/10/1969; p.20.

¹⁹ Revista *Veja* 17/06/1970; p.56.

CAPÍTULO 2 - VEJA E O CAMINHO DA COPA.

2.1 - As eliminatórias para Copa de 1970

Logo após a implantação do regime civil militar, a seleção brasileira defenderia na Copa de 1966, nos gramados ingleses, o posto de atual detentora dos últimos dois campeonatos, 1958 na Suécia e 1962 no Chile. João Havelange então presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) delega ao treinador Vicente Feola²⁰ o comando da Seleção canarinho em busca do terceiro título mundial, porém os interesses financeiros da CBD fizeram da Seleção um instrumento de captação de verba. Alegando falta de recursos para a confederação, João Havelange buscava parcerias no cenário político aproveitando a imagem favorável que a seleção possuía, fazendo amistosos e treinando em cidades onde financiasse a CBD. Foram convocados 47 jogadores onde 25 seriam cortados durante a preparação. Isso gerava um clima tenso e uma disputa exacerbada dentro do elenco, deixando de lado o principal, a parte técnica e tática do selecionado.

O Brasil estreou em 12 de julho contra a Bulgária vencendo a partida por 2 a 0, gols de Garrincha e Pelé. Foi à última partida em que os dois jogadores estiveram juntos com a camisa da Seleção Brasileira, em campo com a parceria o Brasil jamais saiu derrotado. No jogo seguinte, dia 15 de julho, derrota para Hungria por 3 a 1 e mais tarde, nova derrota, dessa vez para Portugal pelo mesmo placar. Com uma série de equívocos durante a preparação para a Copa de 1966 na Inglaterra e com o péssimo resultado em campo, o regime civil militar buscou explicações junto ao presidente João Havelange que foi interrogado pelo Serviço Nacional de Informações (SNI). A CBD de agora em diante era vista como importante espaço de poder e interesse para o regime autoritário que depois do resultado nos gramados ingleses colocaria a confederação sobre forte vigilância do regime.

Com uma atuação abaixo da crítica na Copa de 1966, era tempo de renovação, a geração de ouro comandada por nomes consagrados na história do futebol mundial como Zito, Gilmar, Djalma Santos, Beline, Zagallo, Didi, Garrincha entre outros, perderiam espaço na Seleção Brasileira em função da idade avançada. Com o passar dos anos, a idade foi interferindo diretamente no desempenho desses jogadores, os dribles

²⁰ Foi o comandante da Seleção brasileira no primeiro título conquistado na Copa de 1958 na Suécia.

desconcertantes que Garrincha e seus companheiros davam em seus marcadores eram parados pela ação do mais implacável dos marcadores: o tempo. Soprava o vento da mudança e esta mudança virou sinônimo de crise.

O futebol por ser um grande mobilizador de massas, e principalmente a Seleção brasileira, foram aos poucos se tornando ferramenta de manipulação do regime autoritário brasileiro. Em 1968 foi criado dentro da CBD a Comissão Seleccionadora Nacional (Cosena), órgão responsável por gerenciar a seleção. Formada por dirigentes esportivos e por políticos, o órgão era responsável por analisar jogadores e escolher a comissão técnica. Foi à entrada direta do regime na confederação, tudo estava tutelado pelos militares, que perceberam que o futebol seria ferramenta importante na construção do Brasil com os ideais da “revolução de 64”. Na reportagem intitulada ÊSSE (sic) FUTEBOL CAIDO DE CANSAÇO de 25 de dezembro de 1968 da revista Veja denunciava como o calendário do futebol brasileiro estava interferindo no desempenho da seleção. “Os brasileiros estão saturados de bola: jogadores, técnicos, jornalistas e torcida. Esta saturação resulta num mau humor geral, que chega atingir Pelé vaiado mais uma vez êste (sic) ano.”²¹.

A crise gerada na Cosena não tinha fim e no início do ano de 1969 a revista Veja publica grande reportagem com o seguinte título: E O FUTEBOL? EM CRISE. A matéria descreve todo processo de crise gerado pelo pedido de renúncia de Paulo Machado de Carvalho²² do cargo de chefe da Cosena. Às vésperas das eliminatórias da Copa de 1970 a Seleção brasileira estava sem rumo, quadro idêntico ao da Copa anterior. A previsão era a pior possível, “Entre as vésperas do Mundial na Inglaterra e o comêço (sic) de 1969, quando a seleção está a seis meses das eliminatórias[...] nada mudou na área do futebol .O futebol brasileiro está em crise novamente.”²³. Após a prisão de Castor de Andrade envolvido no jogo do bicho, vice-presidente do Bangu, chefe da delegação em 1967 e nome forte para assumir a chefia da delegação para Copa de 70, o governo entraria no jogo caso a confederação não conseguisse superar a crise. “Profundas modificações são esperadas no futebol brasileiro[...] A desorganização da

²¹ Revista Veja 25/12/1968; p.35.

²² Chefe da delegação Brasileira na Copa da Suécia em 1958.

²³ Revista Veja 15/01/1969; p.50.

CBD... já atraiu a atenção das autoridades. Algumas surpresas (sic) estão programadas e poderão acontecer[...]²⁴.

No momento de crise e descrédito total na Seleção Brasileira, além de conflito de interesse entre dirigentes e auxiliares da parte técnica, a Cosena foi extinta. O Brasil ficou sem seu chefe de delegação, sem médico, sem preparador físico, sem auxiliar e sem treinador. Com a saída do treinador Aymoré Moreira,²⁵ e a vaga de treinador em aberto, sobravam espaço para qualquer tipo de especulação em torno do próximo nome que iria comandar a Seleção brasileira.

A edição número 23 da revista Veja tinha a seguinte manchete: ASSIM SE GANHA A COPA? No fundo a figura do escolhido para assumir o cargo de treinador da Seleção. O FUTEBOL CRIOU CORAGEM PARA COPA, era o título da reportagem e uma provável resposta para pergunta anterior.

Da noite para o dia, numa reunião de duas horas na sede da CBD (Rio), aconteceu uma revolução no futebol. A seleção Brasileira ganhou nova Comissão Técnica e, principalmente novo (sic) técnico. Ganhou também novo (sic) sistema de jogo (sic) e novo (sic) time, que até já está escalado, com seus titulares e reservas, embora só tenha jogo (sic) marcado para daqui a dois meses ²⁶.

João Alves Jobim Saldanha seria o responsável por resgatar a credibilidade do futebol brasileiro e acabar com a crise que insistia em permanecer junto do escrete canarinho desde 1966, após o pífio resultado obtido na Inglaterra.

Nascido em 1917 em Alegrete no Rio Grande do Sul, João teve sua vida ligada a todos os setores do futebol, sendo jogador, técnico e dirigente, sempre no Botafogo do Rio de Janeiro. Antes de assumir a Seleção, Saldanha era jornalista esportivo onde colhia alta popularidade e título de grande estudioso do futebol moderno. Sua vida, atrelada ao esporte, se misturava com a política aonde chegou a ser filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Aí vem a pergunta. Como o regime autoritário aceitaria a escolha de um personagem com ligação ao comunismo à frente da Seleção Nacional?

²⁴ Revista Veja 15/01/1969; p.50.

²⁵ Foi o comandante da Seleção brasileira no segundo título mundial conquistado na Copa de 1962 no Chile.

²⁶ Revista Veja 12/02/1969; p.44.

Uma das hipóteses que levam a crer na aceitação era o tamanho da crise enfrentada pelo futebol brasileiro e da alta popularidade adquirida por João Saldanha em seus comentários sobre o futebol. Assim a CBD acalmava a imprensa, colocando um dos jornalistas mais crítico como técnico do escrete canarinho. Além do mais a atuação de Saldanha na política se deu nos longínquos anos 40 e sua popularidade poderia ajudar no processo de renovação e reestruturação da Seleção.

A estreia do novo treinador se deu em um amistoso no dia 7 de abril de 1970 contra a seleção do Peru, que mais tarde viria a se classificar para Copa do Mundo eliminando a Argentina. A vitória sobre a seleção peruana por 2 a 1 mostrou toda mudança de clima que o nome de João Saldanha trouxera para Seleção Brasileira. A tempestade que insistia em não terminar acalmou logo após o anúncio de Saldanha para o comando técnico da Seleção. A preparação do jogo contra o Peru mostrava o clima tranquilo que a seleção passava. Segundo a reportagem **UMA SELEÇÃO SEM MISTÉRIOS**.

A franqueza do técnico é uma frustração para os repórteres de sessenta emissoras de rádio e correspondentes de jornais do Brasil, Argentina, Uruguai e Peru, que vêm ante uma Seleção sem notícias. Principalmente por causa de Saldanha, a realidade é essa: todos sabem quem joga, quando joga, a hora do treino, o esquema tático – está tudo claro. Não existe nenhum mistério ou qualquer saída para provocar algum boato ²⁷.

A Seleção Brasileira enfrentaria Paraguai, Colômbia e Venezuela pelo grupo B das eliminatórias da Copa do Mundo de 1970. Até o jogo inicial no dia 06 de agosto de 1969 contra a Colômbia, a comissão técnica gozava de uma tranquilidade jamais vista após a Copa de 1966. Além da popularidade de Saldanha, os resultados positivos conquistado nos amistosos contra a seleção do Peru e principalmente contra a Inglaterra, campeã do mundo de 1966, no Maracanã, elevaram a popularidade do treinador levando uma paz que foi de suma importância para preparação do elenco para as eliminatórias da Copa.

A estreia aconteceu fora de casa, em Bogotá, contra a Colômbia no dia 06 de agosto de 1969. A Seleção brasileira venceu os donos da casa por 2 a 0 numa partida

²⁷ Revista Veja 09/04/1969; p.56.

onde a individualidade se sobrepôs ao esquema tático de João Saldanha. “A força da Seleção Brasileira ainda depende só da qualidade individual dos jogadores”²⁸. A cobertura inicial das eliminatórias mostrava através da reportagem que o esquema proposto por Saldanha ainda não estava dando resultado. “Uma participação de todos os jogadores dentro de um esquema que não limita área de ação para ninguém – a nova tática que Saldanha quer impor ao ataque – também não está sendo seguida”²⁹.

Com a vitória assegurada em Bogotá, a Seleção Brasileira partiu em direção a Caracas para encarar a fraca seleção da Venezuela no dia 10 de agosto. Mais uma vitória, porém desta vez com goleada por 5 a 0 elevando o confronto entre Brasil e Paraguai em praticamente uma final antecipada do grupo. Segundo João Saldanha “O Paraguai pode engrossar”³⁰, o adversário mais complicado no caminho da Seleção nas eliminatórias:

“É uma equipe jovem, que tem seu esquema de jogo (sic) baseado no time do Guarani (o melhor quadro do Paraguai). A defesa joga com um homem sobrando atrás e com outro na frente, para dar o primeiro combate. Para vencer uma defesa assim, só usando muita rapidez. [...] os paraguaios jogam na base do coração (um ‘time patriótico’, como já disse), mas já usam um esquema definido e não são aquele (sic) bando de jogadores atrás da bola”³¹.

O jogo contra o adversário mais forte do grupo era um ótimo teste para o selecionado de Saldanha que apesar das vitórias nos amistosos e nas duas primeiras partidas das eliminatórias não chegaram a ter um clima tenso e hostil como o criado em torno desta partida. O Brasil “entrou, de repente, na guerra da Copa”³², a imprensa paraguaia incorporou o jogo como se fosse uma questão de honra nacional. A Seleção foi à campo num clima de guerra criado fora do gramado pela imprensa paraguaia e venceu a “final” por 3 a 0 e praticamente encaminhou sua classificação.

²⁸ Revista Veja 13/08/1969; p.35.

²⁹ Idem; p. 36.

³⁰ Revista Veja 02/04/1969; p.47.

³¹ Idem, p. 47.

³² Revista Veja 20/08/1969; p.32.

No retorno ao Brasil os adversários³³ não viram a cor da bola onde a Seleção mostrou-se firme na defesa e extremamente eficiente no ataque, marcando nada menos do que 23 gols em seis jogos, sofrendo apenas dois, ficando com um saldo positivo de 21 e conquistando a vaga de forma invicta. Muito mais importante do que a tática imposta, apesar de não ter funcionado plenamente dentro de campo, foi o restabelecimento da autoestima dos jogadores, que começaram a acreditar em si, e dos torcedores que viram no selecionado de Saldanha, e na própria figura do treinador, a credibilidade perdida após o fracasso na Copa anterior. O sonho do Tri estava mais próximo do que nunca, somente uma crise poderia tirar a confiança dos brasileiros.

2.2 - Substituição: sai Saldanha entra Zagalo.

O tempo de paz e tranquilidade que assolava a Seleção Brasileira com a chegada do técnico João Saldanha parecia ter ficado no ano de 1969. Com algumas críticas ao sistema defensivo, apesar do belo desempenho nas eliminatórias, além do temperamento sempre explosivo de Saldanha quando contrariado, fez a imprensa criticar fortemente seu esquema tático e sua postura como comandante do escrete canarinho.

Sempre polêmico Saldanha teve sua imagem desgastada nos primeiros meses dos anos 1970 com sua velha conhecida: a imprensa. Após quatorze jogos, conquistando treze vitórias e um empate, João Saldanha não via motivos para mudança na Seleção. “Saldanha é um radical e nenhum argumento consegue mudar sua opinião sobre (sic) o time”³⁴. Para o treinador, a seleção estava no caminho certo apesar das críticas em relação ao sistema tático. Com o título JOÃO NÃO MUDA a revista dava sinais que o relacionamento entre imprensa e o treinador estava com os dias contados.

Em cinco meses de trabalho (sua estréia (sic) foi a 7 de abril, contra o Peru, em Porto Alegre), Saldanha não trouxe nenhuma grande novidade para o futebol da Seleção – a não ser a adoção do líbero para defesa. Sua maior contribuição foi o campo psicológico: êle (sic) devolveu confiança aos jogadores e a fé aos torcedores. [...] a Seleção conseguiu reacender a esperança de vitória no México (só isso explica as rendas excepcionais contra

³³ O Brasil enfrentou seus adversários no Rio de Janeiro. 21/08 - Brasil 6 x 2 Colômbia; 24/08 – Brasil 6 x 0 Venezuela e no dia 31/08 – Brasil 1 x 0 Paraguai.

³⁴ Revista Veja 10/09/1969; p. 48.

Paraguai, Colômbia e Venezuela no Maracanã), mas, como qualquer outra Seleção, teve seus defeitos, que só Saldanha insiste em dizer que não vê”³⁵.

Apesar desse quadro de desgaste com a imprensa a CBD manteve sua programação inicial com jogos amistosos marcados contra Argentina, Chile e Paraguai, além de Seleções do velho continente. A apresentação da Seleção estava marcada para o mês de fevereiro e o inferno astral de João continuava com a decepcionante derrota para a Argentina em Porto Alegre. O jogo aconteceu no dia 04 de março no estádio Beira Rio onde a Seleção Argentina, que não conseguiu se classificar para Copa no México, venceu os brasileiros por 2 a 0, com presença do presidente Médici no estádio, gerando uma avalanche de críticas à Saldanha. Até mesmo o treinador Argentino, Juan José Pizzuti, criticou o sistema tático da Seleção brasileira, principalmente o meio de campo. Segundo Pizzuti:

É inconcebível que o Brasil queira ganhar a Copa colocando apenas dois jogadores no meio de campo: “Um time pode jogar com dois volantes apenas, mas os dois têm que ser muito velozes. No caso do Brasil, Piazza fica sempre na defesa e Gérson não chega nunca ao ataque. Então o adversário ganha o jogo (sic) por aí”³⁶.

A revanche contra a Argentina após quatro dias no Maracanã, vitória brasileira de 2 x 1, não foi suficiente para amenizar o clima entre a imprensa e alguns dirigentes contra Saldanha. A CBD, após o jogo no Maracanã, queria marcar um amistoso contra o Flamengo, porém a data do amistoso estava reservada para os jogos da Taça Guanabara e a CBD teve que correr para arrumar outro clube carioca. O escolhido foi o Bangu, no estádio Moça Bonita no dia 14 de março de 1970 onde o empate em 1 a 1 foi o último jogo de Saldanha no comando da Seleção.

João Saldanha não se conformou com a negativa do Flamengo em fazer o amistoso contra a seleção brasileira, num episódio bizarro que entrou para o folclore do futebol brasileiro: o treinador invadiu a concentração do Flamengo armado para enfrentar seu desafeto, o então colega Dorival Knipel, conhecido como Yustrich. Esta reação às vésperas do amistoso contra o Bangu repercutiu de forma negativa levando a

³⁵ Revista Veja 10/09/1969; p. 48.

³⁶ Revista Veja 11/03/1970; p. 67.

imprensa a questionar a capacidade da CBD em controlar as atitudes explosivas de Saldanha.

A comissão Técnica da Seleção Brasileira, convencida de que não tem meios de controlar as palavras e as reações do técnico João Saldanha, decidiu evitar ao máximo possível o seu contato com a imprensa. Nos últimos dias, a maior preocupação do supervisor Adolfo Milman tem sido pedir aos jornalistas que colaborem, evitando perguntas contundentes e pessoais ³⁷.

Outro fato polêmico envolvendo o treinador foram algumas declarações a ele atribuídas, sobre o estado físico do maior craque do escrete canarinho, Pelé. Segundo Saldanha o camisa 10 da Seleção tinha um grave problema físico, para a imprensa o problema era de visão, sem nenhuma confirmação da equipe médica da seleção. Na mesma época a suposta e bombástica resposta ao presidente Médici que insistia em entrevistas que o treinador deveria convocar o atacante do Atlético mineiro Dario José dos Santos, o Dadá Maravilha: “Ele escala o ministério e eu escalo a Seleção”. A frase tornou-se um dos maiores mitos envolvendo Saldanha neste processo que envolveu sua demissão que ocorreu no dia 17 de março de 1970 pouco mais de 3 meses antes do mundial no México.

Para João Saldanha sua demissão foi estritamente política e não técnica, segundo o treinador, com o falecimento do presidente Costa e Silva e a posse do General Médici seu tempo no comando da Seleção estava no fim e o caso com o jogador Dadá foi apenas um pretexto para tirá-lo do comando técnico³⁸. O fato envolvendo a demissão do treinador João Saldanha ficou marcado na história do futebol brasileiro e até hoje é permeado por polêmica em torno da sua demissão.

A crise instalada as vésperas do mundial fez o governo militar se envolver diretamente no assunto. O então ministro da Educação e Desportos Jarbas Passarinho determinou que a crise instalada na Seleção Nacional afetava diretamente o país exigindo explicações do então presidente da CBD João Havelange.

³⁷ Revista Veja 18/03/1970; p. 59.

³⁸ João Saldanha em entrevista ao programa Roda Viva, 1987, TV Cultura. Primeira parte disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kt4uJHHwAgE> consultado em 22/03/2015.

A posição firmada pelo Ministro Passarinho foi clara: todos serão ouvidos e todas as denúncias serão apuradas depois da trégua que terminará com a volta da Seleção [...] Havelange prometeu ao ministro, aos chefes das casa Civil e Militar e ao chefe do SNI um relatório completo da situação. Passarinho vai ouvir Saldanha nesta semana e, enquanto a Seleção se prepara, o govêrno (sic) observa com maior atenção as coisas que se passam na estranha Terra dos Cartolas³⁹.

Com a demissão do polêmico treinador, a comissão técnica também foi desfeita. A nova comissão foi formada por militares sob a ótica da extinta Cosena, tendo militares e civis no comando da Seleção. O chefe da delegação era o major-brigadeiro Jerônimo Bastos com a assessoria do major Ipiranga Guarany, a preparação física ficou a cargo de dois membros formados pela Escola de Educação Física do Exército, Raul Carlesso e Cláudio Coutinho e de dois civis, Carlos Alberto Parreira e Admildo Chirol, enquanto a responsabilidade de levar o Brasil ao tricampeonato ficou a cargo de Mário Jorge Lobo Zagalo. Era o militarismo envolvido diretamente na preparação da seleção.

Nascido em Maceió em 1931, Zagalo foi jogador de futebol defendendo as cores do América, Flamengo e Botafogo, todos do Rio de Janeiro. Na passagem pelo Botafogo teve como treinador João Saldanha, justamente o técnico que foi demitido da Seleção ao qual Zagalo viria a substituir. No período de Botafogo Zagalo defendeu as cores da Seleção na Copa de 1958 e 1962 tornando-se Bicampeão do Mundo. Com o fim da carreira de jogador, Zagalo trilhou o caminho de muitos jogadores que encerram suas carreiras e buscam na carreira de treinador uma forma de não largar totalmente o futebol.

Muito lembrado, mais pela sorte que o acompanhava do que pela técnica apresentada, Zagalo parecia ser o treinador ideal para o momento da Seleção e principalmente para o regime que buscava ter um sujeito no comando no mínimo imparcial, sem polêmicas e alheio à política. Gozando do apoio de um dos maiores jogadores da história do futebol brasileiro e companheiro nos dois títulos da Seleção, Nilton Santos sempre viu com bons olhos a promoção de Zagalo como treinador.

Se o Brasil ganhar a Copa no México, estará confirmada a previsão do antigo zagueiro Nilton Santos (um dos campeões em 1958 e 1962) feita antes da Copa de 1966: “O Brasil só voltará a ser campeão do Mundo quando Zagalo

³⁹ Revista Veja 25/03/1970; p. 40.

fôr (sic) o técnico”. Nilton Santos, como a maioria dos entendidos de futebol, não considera Zagalo um técnico excepcional. Mas acha que êle (sic) tem duas qualidades fundamentais: a simplicidade e a sorte ⁴⁰.

A estreia de Zagalo aconteceu no dia 22 de março logo após sua chegada, no Morumbi em São Paulo. A vitória por cinco a zero não foi o suficiente para acalmar os ânimos da imprensa que criticou fortemente o esquema tático da Seleção e elogiou o individualismo de seus jogadores afirmando: “Apesar da indiscutível qualidade individual de seus jogadores, por enquanto o time não apresentou nenhuma extraordinária melhora tática em relação aos tempos de Saldanha” ⁴¹.

A troca no comando da Seleção gerou uma situação de instabilidade que não se via nos tempos iniciais de João Saldanha. A torcida e a própria imprensa viam o selecionado brasileiro com certo descrédito principalmente após alguns resultados insatisfatórios nos amistosos antes da Copa. A derrota para o Olaria do Rio de Janeiro em pleno Maracanã no dia 12 de abril gerou uma enorme crise na imprensa brasileira.

Os jornalistas mineiros fizeram um documento contra o treinador Zagalo endereçado ao presidente da CBD. O motivo do documento era a perseguição que jogadores mineiros estavam sofrendo pelo comando técnico, pois segundo os jornalistas “Zagalo não gosta dos mineiros, porque, dirigindo a Seleção Carioca perdeu de 4 a 0 para Seleção Mineira” ⁴². Alguns pontos são relevantes neste manifesto levantando a discussão entre o papel da imprensa regionalizada, o governo e o futebol. O documento foi dividido em sete pontos questionando, por exemplo, a falta de oportunidade para os mineiros no time titular.

Segundo os jornalistas mineiros Tostão não estava sendo titular em função do desentendimento com o médico Lídio Toledo amigo de Zagalo, além disso, Dario deveria ter mais oportunidades como titular pelos gols que vinha fazendo. A Seleção Brasileira partiria para o México em crise, a tempestade criada pelos atritos de Saldanha com a imprensa, e o nome de Zagalo como novo comandante não agradou a torcida e parte da imprensa seguia criticando a seleção.

⁴⁰ Revista Veja 25/03/1970; p. 40.

⁴¹ Revista Veja 01/04/1970; p. 55.

⁴² Revista Veja 15/04/1970; p. 72.

[...] Zagalo completou domingo seu primeiro mês como técnico do time do Brasil. Não houve bôlo (sic) nem festa, mas a data quase merecia uma comemoração. É que Zagalo conseguiu em trinta dias o que para João Saldanha demorou um ano: a proeza de ficar praticamente sozinho contra a imprensa e os torcedores. Além da dificuldade de fazer o time se encaixar no seu sistema, algumas surpresas (sic) vão acontecendo para o técnico da Seleção⁴³.

O Brasil embarcou para o México sobre forte aparato militar num processo de preparação que foi fundamental na conquista do tricampeonato. Para os militares, muito mais importantes do que a tática, seria o preparo físico dos jogadores que aliado à técnica seria fundamental para conquistar a Copa.

⁴³ Revista Veja 22/04/1970; p. 66.

CAPÍTULO 3 - PRA FRENTE BRASIL.

3.1 -A preparação.

Com a classificação assegurada para a Copa de 1970, apesar de algumas turbulências como a troca de treinador e alguns resultados em amistosos abaixo da crítica, a comissão técnica do Brasil fez todo um planejamento de preparação física que se tornou referência em termos esportivos na época e que sedimentou a conquista.

A maioria dos jogos da Copa foi realizada na cidade do México onde a altitude e o clima teriam forte influência no desempenho das seleções, principalmente as seleções que vinham do nível do mar como a brasileira. A altitude e o próprio clima eram tratados como fortes adversários das seleções, isso fez com que cada uma buscasse informações no campo científico para saber qual efeito a altitude e o clima mexicano poderiam exercer nos atletas.

Diante deste quadro a comissão técnica, responsável pela preparação física dos jogadores, foi composta por Admildo Chirol, 36 anos e preparador físico do Botafogo - RJ, considerado uma das maiores autoridades do assunto na época; Carlos Alberto Parreira, 27 anos e preparador físico do Fluminense também do Rio de Janeiro, e o Capitão Cláudio Coutinho de 31 anos instrutor da Escola de Educação Física do Exército. A CBD mesclou experiência de dois civis, um mais experiente e autoridade no assunto, e outro um jovem com conhecimentos trazidos da Europa; além da parte militar que ficou a cargo do conceituado professor da escola do exército. Dessa união entre civis e militares surgiu o planejamento que levaria a Seleção Brasileira atingir seu ápice físico durante a Copa e que serviria como referência para época.

Todo o plano obedece a três princípios básicos: 1) não há dois indivíduos exatamente iguais (daí a necessidade de a preparação ser feita individualmente); 2) o organismo só se desenvolve se fôr (sic) submetido a um esforço (sic) maior do que aquele (sic) a que está acostumado (ou a condição física estaciona); 3) a um estímulo débil o organismo não reage e, se o estímulo fôr (sic) muito forte, provocará prejuízos. [...] Prevê também a adaptação à altitude, em degraus: primeiro Guadalajara (1 680 m), depois Guanajuato (2 050 m) e finalmente Cidade do México (2 240 m). E, para compensar a diferença de horário entre Brasil e México (três horas), o plano determina que, seis dias antes de embarcar, a Seleção começará a retardar progressivamente seus horários de refeição e de dormir ⁴⁴.

⁴⁴ Revista Veja 04/03/1970; p. 66.

O planejamento foi construído levando em consideração os fusos horários, toda parte de alimentação além das condições climáticas que a seleção precisava enfrentar para estar em plenas condições durante os jogos. Tudo foi pensando nos mínimos detalhes. O planejamento foi dividido em dezenove semanas durante cinco meses. Iniciou-se em 12 de fevereiro sendo que a primeira semana serviu para avaliação inicial dos atletas, a segunda semana até a sexta realizou-se um processo de condicionamento físico dos jogadores no Rio de Janeiro. As viagens ficaram programadas para a sétima e oitava semana. Da nona semana até a décima segunda a seleção ficaria na cidade de Guadalajara no México a uma altitude de 1680 metros realizando um condicionamento específico de aclimatização, depois partiria para Guanajuato, que fica a 2050 metros acima do nível do mar, durante as semanas 13 e 14 para continuar seu processo de adaptação e condicionamento específico. Por fim na transição entre a semana quinze e dezesseis o início do mundial, e até a semana 19 o fim da competição.

O pioneirismo na preparação física dos atletas foi traçado e planejado tendo como base o método cooper⁴⁵. O responsável por apresentar o método aos demais colegas da comissão técnica foi o militar Cláudio Coutinho. A introdução de ciclos de treinamento adaptando o método cooper ao futebol foi considerado referência na época. Foram criados grupos de trabalho onde cada jogador trabalhava de acordo com suas condições específicas, cada atleta possuía uma ficha de desempenho onde a comissão poderia mensurar a condição de força e velocidade de forma individual gerando um desempenho ideal para enfrentar as condições adversas que seriam encontradas no México. Esta preparação levou a uma redução nas lesões de caráter físico além de possibilitar um melhor desempenho no segundo tempo das partidas, pois a comissão acreditava que os adversários não estariam tão bem preparados. A eficácia na preparação ficou evidenciada nos resultados dos jogos onde o Brasil marcou a maioria dos gols na segunda etapa. No primeiro jogo 4 a 1 contra a Tchecoslováquia (3 gols no segundo tempo), um dos jogos mais difícil do mundial foi marcado pelo gol de Jairzinho já na segunda etapa, 1 a 0 contra a Inglaterra; contra o Peru, dois gols na segunda etapa; contra o fantasma da Copa de 1950, o Uruguai sofreu na semifinal 2 gols no segundo tempo e finalmente 4 a 1 na Itália sendo 3 gols na etapa final.

⁴⁵ Método desenvolvido pelo médico estadunidense Kenneth H. Cooper que serviu as forças armadas durante 13 anos. De acordo com o programa, cada soldado deveria correr a maior distancia possível em 12 minutos sendo que a condição física de cada soldado era analisada de forma individual.

Segundo Carlos Alberto Parreira, um dos preparadores físicos da seleção de 1970, a consagração do planejamento aplicado pela equipe de preparadores físicos à seleção foi um dos segredos que marcou aquela geração de jogadores. Conforme entrevista dada ao SporTV Repórter:

Nós chegamos à conclusão de que, tecnicamente, eles eram os melhores do mundo. Se nós déssemos condições físicas uma base física para aquele time manter a qualidade técnica e fazer no aspecto tático o que o treinador quisesse durante 90 minutos...Até porque a Copa ia ser disputada em condições muito especiais: A final seria disputada no México, onde tem altitude. Então a condição física ia ser muito importante. A preparação para copa de 70 foi pioneira no sentido de que houve um condicionamento científico, porque houve uma preparação, houve um planejamento, houve a introdução dos ciclos de treinamento, básico e específico de manutenção, houve a introdução de sistema de treinamento utilizado no atletismo mais adaptado ao futebol, ou seja, o trabalho aeróbico e anaeróbico, as corridas de longas distâncias o treinamento intervalado e principalmente a individualização das cargas de trabalho, cada jogador treinava de acordo com suas condições específicas⁴⁶.

O desempenho técnico da Seleção na Copa de 1970, com os dribles desconcertantes de Tostão, os magníficos lançamentos de longa distancia de Gérson, o canhotinha de ouro, os chutes indefensáveis de Rivelino, as jogadas marcantes de Pelé além das arrancadas de Jairzinho, apelidado de furacão da Copa e único jogador a conseguir marcar gols em todos os jogos da copa, feito ainda inédito hoje, ficaram marcados em nossa memória, porém é importante lembrar que por trás desta Seleção existiu um programa de preparação física e fisiológica até então inédito que sustentou a qualidade técnica desses jogadores. A Seleção de 70 ficou marcada não somente pela qualidade técnica dos jogadores, mais também pela ruptura em termos de organização e planejamento colocando em prática as teorias mais avançadas em termos físicos da época. “Após a Copa, a Organização Mundial de Saúde (OMS) fez testes de avaliações físicas com os jogadores, e o desempenho dos brasileiros garantiu a indicação de melhores preparados”⁴⁷. A fusão entre a técnica diferenciada dos atletas brasileiros e os

⁴⁶Carlos Alberto Parreira em entrevista cedida para o programa SPORTV Repórter, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XnfpPB93Xzs&list=PL3mee_xUx0sr5IcZp_oi_hobCwBuCU2dU e consultado no dia 05/05/2015.

⁴⁷ MAGALHÃES. Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Tese (Doutorado) – UFF, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013, p. 129.

conhecimentos científicos no que diz respeito à parte física formou a Seleção mais espetacular de todos os tempos.

3.2 - A campanha.

A Copa do Mundo de futebol realizada durante os dias 31 de maio até 21 de julho nos gramados mexicanos em 1970 consagrou uma geração de ouro no futebol mundial, porém até chegar ao glorioso dia em que o capitão da Seleção levantou a taça Jules Rimet e trouxe-a de forma definitiva para casa foi uma longa e árdua caminhada.

No final do ano de 1969 a reportagem A COPA E SUAS CHAVES, a revista Veja denunciava os problemas que a Seleção poderia encontrar fora dos gramados, na escuridão dos bastidores do futebol.

A Copa é realmente uma longa caminhada. Mas o começo (sic) dessa caminhada jamais coincide com o início dos jogos. Por isso, quando a Seleção do Brasil entrar em campo para seu primeiro jogo (sic) no México, estará apenas dando continuidade a um processo que poderá levá-la à desgraça ou a consagração definitiva. Na verdade, para se ganhar uma copa é necessário juntar os gols que se faz em campo aos pontos que se marca antes dos jogos, nos congressos e corredores da FIFA ⁴⁸.

Se foi ou não bem feito o trabalho de bastidores, o fato é que a Seleção Brasileira caiu no grupo 3 com a atual campeã do mundo, a Inglaterra, tornado o grupo sediado na cidade de Guadalajara o mais difícil da Copa e apelidado de grupo da morte. Coincidência ou não os últimos três títulos (1958, 1962 e 1966) foram conquistado por ambas as Seleções gerando uma expectativa em torno deste jogo já na primeira rodada. Era o confronto do futebol-arte praticado pela Seleção canarinho contra o futebol-força dos ingleses.

O mundial foi disputado por 16 seleções de diferentes partes do mundo. O grupo um, disputado na Cidade do México, foi formado por URSS, México, Bélgica e El Salvador. No grupo dois, na cidade de Puebla, ficaram as seleções do Uruguai, Israel,

⁴⁸ Revista Veja 17/12/1969; p. 72.

Itália e Suécia. Em Guadalajara, sede do grupo três, ficaram Romênia, Brasil, Inglaterra e Tchecoslováquia. Já na cidade de León, o grupo quatro foi formado pela Bulgária, Peru, Marrocos e Alemanha. Os dois melhores colocados de cada chave passaria para segunda fase num sistema de jogo único, quem perdesse daria adeus à competição sendo esta fórmula até o final.

A caminhada da Seleção brasileira começou já nas eliminatórias, tema discutido no capítulo 2 deste trabalho, além dos amistosos de preparação para o mundial. Antes da Copa o presidente Médici recebeu a delegação brasileira num ato de despedida. Apesar de toda recepção do governo e da bela campanha nas eliminatórias da Copa, a Seleção brasileira embarcou para o México sobre desconfiança por grande parte da imprensa.

A estreia da Seleção brasileira ocorreu no dia 03 de junho de 1970 contra a Tchecoslováquia. A partida era considerada fundamental para as pretensões da Seleção para o restante da competição, isso porque a segunda rodada do grupo colocava frente a frente Brasil e Inglaterra, um resultado negativo na estreia poderia ser o caminho para repetição do vexame de 1966 nos gramado ingleses. Na reportagem A ESPERANÇA PESSIMISTA, a revista Veja mostra todo seu pessimismo com o resultado da seleção na copa.

Para os brasileiros, acostumados à discutível ideia de ter o melhor futebol do mundo, é meio constrangedor aceitar um terceiro ou um quarto lugar numa disputa desse tipo. Mas a verdade é que, nas circunstâncias atuais, se o Brasil chegar a uma dessas colocações, já terá conseguido uma grande vitória⁴⁹.

E completava na página seguinte:

A maioria concorda num ponto: a sorte do Brasil será jogada na primeira partida. Uma vitória é certeza de classificação e de uma brilhante campanha. Uma derrota pode ser o começo de um novo vexame⁵⁰.

⁴⁹ Revista Veja 03/06/1970; p. 39

⁵⁰ Idem; p. 40

A seleção brasileira não deu chances ao azar e deixou todo nervosismo de lado, natural em qualquer estreia, principalmente após o fracasso de 1966, e aplicou uma sonora goleada na seleção da Tchecoslováquia, 4 a 1 com dois gols de Jairzinho, um de Rivelino e um de Pelé. Aos críticos restou um certo ar de “esperança pessimista”, mesmo porque o grande teste estava por vir, mas para imprensa estrangeira foi o suficiente para enaltecer o futebol jogado pelos brasileiros como mostra a reportagem **UM ALEGRE COMEÇO**.

No dia seguinte, a imprensa mundial, tão surpêsa (sic) quanto a torcida, mostrou todo seu entusiasmo em frases capazes de orgulhar o mais pessimista dos torcedores brasileiros. “O Brasil jogou como se fôsse (sic) um time de piranhas. Foi engolido e comendo aos poucos o time checo” (jornal “Kurier”, de Viena). “O Brasil é um time de onze anjos correndo em campo, fazendo da bola o que querem. Parece que jogam sôbre (sic) nuvens, alegres e felizes” (“La Stampa”, da Itália). “Êsse (sic) jôgo (sic) foi digno de uma final de Copa do Mundo. O atual time brasileiro é superior àquele que ganhou o Mundial de 1958” (jornal “Iediothahronoth”, de Telavive)⁵¹.

Após a goleada na estreia da Copa o maior desafio da seleção seria apagar de vez o fantasma da Copa de 1966 em cima da atual campeã do mundo. A seleção Inglesa carregava consigo a bandeira do futebol moderno baseado na força, onde a parte defensiva comandava as ações do jogo. Liderado pelo cerebral meio campista Bobby Charlton campeão em 1966, a seleção inglesa era considerada por muitos como favorita para conquistar a Copa no México. O mundo do futebol aguardava o confronto entre Brasil de Pelé, representante do futebol arte, contra a seleção inglesa de Bobby Charlton, representante do “moderno” futebol força. As seleções se encontraram no dia 09 de junho de 1970 em um dos jogos mais disputados da copa que foi decidido no segundo tempo da partida. Considerando que os ingleses não conseguiram manter o mesmo desempenho físico do primeiro tempo, enquanto os brasileiros “passeavam” em campo em pleno sol do meio-dia de Guadalajara, o gol de Jairzinho mostrou ao mundo que a seleção brasileira além de apresentar um futebol diferenciado estava muito bem preparada fisicamente. Muitos creditam a superioridade brasileira no segundo tempo a sua condição física. O escrete canarinho espantou o fantasma de quatro anos atrás, gerando um otimismo até então desconhecido na torcida e em parte da imprensa. A

⁵¹ Revista Veja 10/06/1970; p. 50

“vitória do Brasil contra a Inglaterra, por 1 a 0, em Guadalajara, México, cancela a amargura de ontem e faz renascerem as alegrias de 1958 e 1962”⁵². O último jogo da fase inicial aconteceu no dia 10 de junho de 1970 contra a seleção da Romênia, já classificado em seu grupo a seleção brasileira, apesar da vitória por 3 a 2, acabou relaxando e, aquilo que parecia ser fácil, acabou se tornando uma difícil vitória onde a seleção não mostrou a segurança apresentada contra a seleção inglesa.

Encerrava-se a primeira fase da competição e o Brasil tinha conquistado 100% dos pontos no chamado grupo da morte, o que elevou a seleção ao status de favorita a Copa, algo impensável antes de começar o mundial. O adversário seria um velho conhecido dos brasileiros, a boa e bem treinada seleção peruana, que já enfrentara o Brasil em alguns amistosos antes do mundial e que eliminou a seleção argentina nas eliminatórias da Copa. O jogo aconteceu em Guadalajara no dia 14 de junho de 1970, treinado pelo brasileiro Didi, campeão do mundo em 1958 e 1962, a seleção peruana não foi capaz de fazer frente ao ataque brasileiro, reforçado com a volta de Gérson, machucado no primeiro jogo, e por Rivelino, machucado no último jogo da fase de grupos. O Brasil aplicou um sonoro 4 a 2 na fraca defesa peruana passando para semifinal da competição sem maiores traumas.

Para conquistar uma Copa do mundo não basta apenas preparo físico, esquema tático e técnica, é necessário um trabalho mental para enfrentar toda pressão psicológica de uma competição com vários obstáculos.

E, como em 1950, o Brasil é o ataque sensacional, devastador, temível. O Uruguai, o time das vitórias menores, difíceis, quase mesquinhas. Seu ataque não tem quase poder, mas a defesa é extraordinariamente segura (só um gol em quatro jogos). [...] Para o Brasil, que joga mais ofensivo o Uruguai representa um sério perigo. A tática do time é atrair o adversário para o seu campo, para depois lançar-se em rápidos contra-ataques. Uma tática que, até agora deu bons resultados⁵³.

O fantasma da eliminação de quatro anos atrás nos gramados ingleses ficou na primeira fase no jogo contra a poderosa Inglaterra, porém, um fantasma de 20 anos seria o maior adversário da seleção até então na Copa. A semifinal colocou frente a frente

⁵² Revista Veja 10/06/1970; p. 55

⁵³ Revista Veja 17/06/1970; p. 50

Brasil e Uruguai, e a tragédia ocorrida na final da copa de 1950, conhecida como *maracanazo*,⁵⁴ voltava a assombrar 70 milhões de brasileiros. A seleção celeste, como é conhecida a seleção uruguaia, saiu desacreditada do Uruguai e com pouco tempo de preparação, a vitória sobre a poderosa seleção URSS que deu a vaga as semifinais da Copa de 1970 acendia o espírito guerrilheiro de todos uruguaiois, que por mais incrível que pareça, era a única seleção, através do fantasma de 1950, que não respeitava o esquete canarinho. O jogo aconteceu no dia 17 de junho de 1970 em Guadalajara, casa dos brasileiros, e a vitória por 3 a 1 conquistada pela seleção brasileira mostrava acima de tudo a vitória da arte contra o futebol força, a vitória do ataque contra a defesa e principalmente a vitória mental contra o fantasma de 1950.

A coroação de todo trabalho aconteceu no dia 21 de junho de 1970 na cidade do México, a seleção italiana conseguiu a vaga na final depois de uma batalha contra os alemães que levou os italianos a exaustão física em função da prorrogação. O Brasil entrou em campo com ligeiro favoritismo, mas com a bola rolando foi para o intervalo da partida com um empate por um a um depois de uma bobeada da zaga brasileira. Para fechar o ciclo vitorioso, a seleção mais bem preparada fisicamente da Copa segundo a ONU, aplicou uma goleada de 3 a 0 na segunda etapa fechando o placar em 4 a 1 marcando o nome de uma geração de ouro na história do futebol mundial, “além disso, essa Seleção definiu um nôvo (sic) conceito de velocidade [...] A atual Seleção está provando que a velocidade do jôgo (sic) é a velocidade do jogador”⁵⁵.

3.3 - A euforia.

A seleção brasileira saiu do país desacreditada. Aos poucos foi conquistando os torcedores e a opinião pública que creditava o futebol brasileiro como ultrapassado e falido. Os mexicanos presenciaram a consagração de um planejamento muito bem elaborado no que diz respeito à preparação física dos atletas que misturado à habilidade diferenciada dos jogadores brasileiros formou para muitos, a maior seleção de todos os tempos, consagrando o estilo do futebol arte.

⁵⁴ O Brasil foi derrotado pela seleção uruguaia na final da copa de 1950 em pleno Maracanã com 199.854 pessoas por 2 a 1. A trágica derrota ficou conhecida como *maracanazo*.

⁵⁵ Revista Veja 24/06/1970; p. 54

Com a consagração na copa de 1970 o governo do ditador Médici viu a oportunidade de aumentar ainda mais sua popularidade, capitalizando a conquista nos gramados mexicanos em um momento conturbado no cenário político nacional. Não podemos esquecer que o governo surfava a onda do milagre econômico e a popularidade do governo só aumentou após a conquista do tricampeonato. Além do milagre econômico e da conquista no campo esportivo, a imprensa foi ator importante na criação dessa imagem, aonde o discurso em vários momentos ia ao encontro do discurso oficial.

No caso da revista Veja, observamos alguns momentos que seus discursos iam ao encontro do discurso do governo, principalmente após a conquista do mundial de 1970, conferindo a ambos efeitos de unidade e coerência, onde um discurso acaba legitimando o outro. Na reportagem A IMAGEM DO SUCESSO mostra de forma clara a construção da imagem de Médici a partir da conquista esportiva, relacionando o futebol como elemento da identidade nacional.

No palácio do planalto estava claro que a razão e o denominador comum da concentração popular daquela tarde ensolarada era a vitória da equipe brasileira no México. Mas os aplausos ao presidente tinham também outro significado: o povo o reconhecia e aceitava como cabeça e símbolo da imensa e exaltada torcida em que o país inteiro havia-se transformado ⁵⁶.

Na volta ao Brasil, a delegação brasileira já tinha agendada sua primeira parada: O palácio do planalto. A recepção dos jogadores pelo presidente da república tornou-se um grande evento festivo e amplamente divulgado pela revista Veja. Uma multidão de aproximadamente 70 mil pessoas tomou conta do planalto e a apresentação dos campeões se deu através de um esquema mais flexível de segurança, gerando uma aproximação entre povo e os heróis da conquista do tricampeonato mundial, tudo mediado pelo então torcedor e homem “comum” o general e presidente Médici.

A paixão pelo futebol aproximou o presidente da população, associando a imagem da seleção a do regime civil militar, através de um aparato propagandístico, o governo buscava estabelecer um consenso em torno de um amplo projeto nacional.

⁵⁶ Revista Veja 01/07/1970; p. 19

Na terça-feira (sic), depois de assistir à manifestação popular que Brasília ofereceu aos tricampeões, quando a seleção voou para o Rio levado a taça e proporcionando um carnaval em julho, o presidente tinha sua imagem nitidamente associada à vitória do México. [...] Médici identificou-se com a vitória de forma mais clara que qualquer outro presidente. Talvez essa diferença possa ser atribuída à imagem do torcedor sincero e comovido que o presidente apresentou à nação. Identificando-se como torcedor, êle (sic) teria conquistado para festa que organizou aos campeões a simpatia de todos os outros torcedores que, como ele, gostariam de ter levantado a taça ao lado de Carlos Alberto e Pelé, do alto do grandioso parlatório do Palácio do Planalto⁵⁷.

Associar a imagem do presidente Médici ao fato que provocaram júbilo popular durante o período mais truculento do regime civil militar brasileiro colaborou de forma decisiva para aumentar a popularidade do general. O entusiasmo trazido pelo futebol aos brasileiros foi justificado pela ideia de simplicidade e humildade demonstrada pelo torcedor presidente.

3.4 - Um contraponto editorial: Veja x O Pasquim.

Comparar a cobertura do mundial de 1970, fazendo um contraponto entre a revista *Veja* e o jornal *O Pasquim* não significa analisar detalhadamente toda cobertura feita pelo jornal durante a Copa. Essa comparação permite mostrar a postura da revista *Veja* durante o período analisado e comparar com um periódico contrário ao regime que não incorporou a “ideia de Brasil” do governo civil militar.

A ideia de fazer um jornal difamador surgiu em 1968 com a morte de Sérgio Porto conhecido como Stanislaw Ponte Preta e grande nome da imprensa na época. Sérgio era responsável pelo jornal *Carapuça*, um tablóide semanal de humor que acabou deixando de existir exatamente em função da morte de seu criador. O responsável por editar o jornal *Carapuça*, Murilo Pereira Reis, chamou Tarso de Castro, que possuía uma coluna no jornal *Última Hora*, para definir o lançamento de um novo jornal com os mesmos moldes do jornal *Carapuça*. Após várias reuniões regadas a muita bebida surgiu o jornal *O Pasquim*, com o objetivo de satirizar a classe média, a grande imprensa o

⁵⁷ Revista *Veja* 01/07/1970; p. 20

regime civil militar e principalmente a censura. Seu lançamento ocorreu no dia 26 de junho de 1969 com vendagem de 14 mil exemplares. A explosão de vendas fizeram os donos rodarem mais 14mil exemplares. Um sucesso! Já na edição 16 foi alcançada a marca de “80mil exemplares vendidos e em dez semanas, para 200mil, em sete meses teria se transformado numa mina e ouro”⁵⁸. De forma moleque e abusado na suas reportagens, O Pasquim conquistou o público brasileiro.

Foi o maior fenômeno editorial da imprensa brasileira. E não adianta discutir. O *Cruzeiro*? Tinha atrás de si uma poderosa empresa jornalística, os Diários Associados de Assis Chateaubriand. *Veja*? Ora, veja. Com a editora Abril bancando a aventura, modéstia à parte, até eu. Atrás de O *Pasquim*, só havia um punhado de porras loucas⁵⁹.

Dentro desses “porras loucas” estavam Jaguar, Henfil, Paulo Francis, Ziraldo, Tarso de Castro, Millôr Fernandes, Sérgio Cabral entre outros, além de colaboradores como Chico Buarque, correspondente de Roma onde vivia em função do exílio imposto pelo regime.

Essencialmente satírico, o Pasquim encontrava enorme dificuldade de atrair anunciantes que não se arriscavam em expor sua marca em um jornal considerado pela ditadura como um antro de comunista. Sufocar financeiramente os periódicos era uma forma encontrada pela ditadura para eliminar qualquer tipo de oposição ao governo. Mas não foi somente o governo que se opunha ao Pasquim, boa parte da grande imprensa repudiavam suas publicações. Nomes como do escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues, David Nasser então diretor da revista O Cruzeiro, Gustavo Corção, colunista do jornal O Globo além de intelectuais como Roberto Campos, todos vítimas do tablóide.

Além das críticas ao governo, que se via pressionadas por grande parte da imprensa da época, a ditadura aumentou o cerco em relação ao tablóide, colocando até uma bomba em sua redação que acabou não explodindo por uma questão de defeito, além de vários cortes antes das edições serem publicadas.

⁵⁸ PASQUIM, O – Antologia – Volume I – 1969-1971. Organização: Sérgio Augusto e Jaguar. Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006, p. 11.

⁵⁹ Idem, p. 9.

Em relação à copa de 1970 o jornal resistiu em noticiar o evento muito em função da propaganda que o governo civil militar estava fazendo com a seleção brasileira, porém próximo ao evento os editores renderam-se ao mundial, enviando um correspondente ao México, Armando Marques, para cobrir a competição.

Para iniciar a análise do jornal O Pasquim, tomarei como ponto de partida três eventos para efeito de comparação com a revista Veja. O primeiro será a troca envolvendo o comando técnico da seleção brasileira, no segundo caso será analisado as fortes críticas ao treinador Zagalo e no terceiro ponto como foi tratado a conquista da Copa pelo tablóide.

Toda polêmica envolvendo a saída do técnico João Saldanha foi trabalhado no capítulo 2 deste trabalho, vamos analisar a forma como o jornal trabalhou sua saída. Apesar de João ter comprado briga com boa parte da imprensa, o treinador era respeitado pela maioria dos integrantes do Tablóide como vemos na entrevista abaixo com Chico Buarque:

Maciel: Como é que você acompanha êsse (sic) negócio de seleção brasileira, o pessoal estava acreditando no Brasil? Como é que você recebeu esta “bomba” do João Saldanha?

Chico Buarque: Nisso eu sou estrangeiro. Querendo ouvir falar do Brasil na Itália você tem que comprar jornal de esporte. Aí falam sempre. O Brasil estava apontando como favorito. Agora, notícia do Saldanha me pegou aqui, não estou por dentro. Estão me contando essas coisas agora, êsse (sic) negócio do Pelé não estar enxergando e tudo. Eu ouvi a notícia que Saldanha tinha saído, lá, mas não contava o porquê.

César Tedin: O Saldanha é um sujeito formidável que entende de futebol à beça, respeitadíssimo, mas êle (sic) faz essa acusação a Pelé: Pelé tem um problema de saúde. Até agora não houve resposta. Disseram simplesmente que não. Ou o Pelé está realmente incapaz para o futebol ou então o João está maluco. Que que você acha?

Chico Buarque: Vai ser um páreo duro porque eu gosto muito do João o que eu conheço dêle (sic) e o Pelé é o Pelé⁶⁰.

Conseguimos observar a admiração e o respeito sobre João Saldanha tanto dos entrevistadores como do entrevistado, além disso, a demissão de Saldanha foi tratada como uma “bomba” nas vésperas da copa do mundo, porém as polêmicas com o

⁶⁰ O Pasquim. Edição 41; p.14-17.

problema de visão do craque Pelé não passou despercebido na hora em que César afirma que João estaria maluco caso Pelé não tivesse o problema que a imprensa divulgou. Na edição seguinte no texto intitulado de “Pelego” Sérgio Cabral fala da traição do chefe da delegação com o treinador. “O chefe da seleção brasileira, Sr. Antônio do Passo, traiu miseravelmente João Saldanha. Quer dizer: Êle (sic) é a soma da mediocridade com o mau caráter”⁶¹.

A revista Veja tratou o assunto da demissão como algo natural dentro de um cenário de crise muito em função das atitudes do treinador, já o jornal O Pasquim atribui a demissão de João Saldanha a uma suposta traição de quem comandava a CBD junto com os militares. A demissão teve muito mais um viés político do que técnico, por isso a traição.

Com a nomeação de Zagalo como novo técnico da seleção brasileira, O Pasquim não poupou críticas ao novo treinador.

Na “Última Hora” do México, Ademir Menezes revela que Zagalo, essa figura triste de técnico da seleção, desdisse o que disse por aqui. Isto é, a seleção está formada mas não está. O que quer dizer que Tostão joga ao lado de Pelé mas não joga. Trocando em miúdos, isto poderia querer dizer uma coisa mais ou menos certo. É possível, bastante provável, que o Brasil chegue a tentar se classificar. Esse Zagalo, se não fosse um chato, seria folclórico. Incompetência ele têm (sic) de sobra”⁶².

As críticas ao novo treinador se devem ao fato de Zagalo não estar convencido em escalar Tostão e Pelé juntos, gerando uma enxurrada de críticas em relação à parte tática da equipe. Na crônica “Antes da Copa, a disputa é entre Tostão e Lobo Zagalo” observamos que o tablóide sugere a falta de liderança do treinador.

A mais inacreditável de tôdas (sic) as besteiras já ditas por qualquer técnico de futebol, em qualquer tempo, em qualquer época e em qualquer país, foi indiscutivelmente a do senhor Zagalo Lobo: Pelé e Tostão não são goleadores, não podem jogar juntos. Como a CBD não tomou a providência de demitir imediatamente o senhor Zagalo Lobo por incompetência, e como só agora, contrafeito, êle (sic) faz a experiência de botar, circunstancialmente os dois grandes jogadores juntos, é preciso mobilizar a opinião pública para

⁶¹ O Pasquim. Edição 42; p. 31.

⁶² O Pasquim. Edição 46; p. 30.

que Pelé, Tostão e Rivelino (outro extraordinário jogador que não pode ficar no banco de reservas, a não ser por contusão) joguem juntos, pois só assim o Brasil terá alguma chance de fazer boa figura ⁶³.

As críticas ao trabalho de Zagalo proferidas pelo jornal O Pasquim, foram ao encontro da revista Veja que até começar a Copa questionavam a capacidade do treinador tanto na parte tática como na questão de liderança. Zagalo não era bem visto por parte do grupo do jornal em função da sua subordinação ao sistema que imperava na CBD, além de ter um perfil conciliador muito contrário do perfil contestador do ex-treinador e comunista João Saldanha.

Com o encerramento da Copa do Mundo e a conquista do tricampeonato mundial de futebol, o jornal foi aos poucos cedendo espaço para todo encantamento que a seleção demonstrou em campo. No texto chamado de “Forza (mas nem tanto) Itália” de Fausto com P.S de Millôr Fernandes fica claro essa tendência.

P.S do Millôr Fernandes – O mínimo que d’O *PASQUIM* pode fazer dêste (sic) momento é meter o galho dentro, numa autocrítica feroz, se não este jornal está ferrado. Batam no peito e digam mea culpa e comecem a fazer a revisão de tôdas (sic) as besteiras que vocês todos, ou quase todos, disseram sôbre (sic) a organização do time brasileiro e, principalmente sôbre (sic) o técnico Zagalo. Eu não quis dizer nada porque não sou entendido, mas o que li de besteiras foi uma grandeza ⁶⁴.

Porém a resposta veio de forma autêntica e satirizada que o jornal sempre trabalhou através de Sérgio Cabral, um dos maiores críticos de Zagalo.

Millôr Fernandes obrigou o Pasquim a fazer uma autocrítica em relação ao nosso comportamento antes da Copa do Mundo. Segundo êle (sic), nós fomos injustos com a Comissão Técnica e, particularmente, com Zagalo. Por causa disso, dei uma olhada na coleção do jornal e o que vi foram alguns paus no Zagalo, meus e do Hélio Fernandes, porque êle não queria escalar Tostão ao lado do Pelé. Depois, Zagalo escalou Tostão, fazendo êle mesmo a tal autocrítica. Portanto, Millôr, você perdeu ⁶⁵.

⁶³ O Pasquim. Edição 47; p. 18 – 19.

⁶⁴ O Pasquim. Edição 53; p. 2.

⁶⁵ O Pasquim. Edição 54; p. 39.

Com a bela apresentação da seleção brasileira nos gramados mexicanos, a imprensa, e no caso Veja, deixou-se levar pela euforia da conquista, porém o tablóide acabou fazendo uma reflexão do momento que o país vivia após a conquista definitiva da taça Jules Rimet.

As multidões nas ruas, depois das vitórias brasileiras na Copa do Mundo, estariam somente celebrando futebol? Nada comparável aconteceu em 1958 e 1962. Nem o fato do tri ou da posse definitiva da taça explicam de todo a arruaça, pois arruaça foi. Havia algo mais, óbvio e inconsciente. Desde 1964, esta foi a primeira vez que o povo se sentiu unido em torno (sic) de um objetivo nacional. A inexistência de veículos de extravasão política, o tédio, o medo (sic) e a miséria da vida do Brasil de hoje encontraram um antídoto nos nossos 11 jogadores em campo. Eles (sic) saíram daqui tão desmoralizados como nós. Lá fora, se reencontraram, talvez porque livres da nossa opressiva atmosférica doméstica, e a gente, por preocupação, partilhou êsse (sic) estado de espírito. Agora acabou, mas ficaram alguns sinais na parede para quem sabe lê-los ⁶⁶.

A grande maioria da população brasileira gostava de futebol, uns mais fanáticos outros menos, mas o gosto pela bola sempre existiu, o que aconteceu foi um forte amparo propagandístico por parte do governo em relação a nossa seleção, até então nunca visto nas conquistas anteriores. Dentro desse contexto de repressão política a conquista deu oportunidade para o povo sair às ruas para aliviar suas decepções diárias e fugir um pouco dessa “opressiva atmosfera doméstica”. Mas O Pasquim alertava que “ficaram alguns sinais na parede” deixando claro que a opressão política e o estado militarizado continuavam e que era preciso reflexão para o futuro. Contrário à maioria dos grandes meios de comunicação como Veja, que relacionou a imagem de Médici com a conquista, O Pasquim fez duras críticas a campanha de um Brasil potência que o governo civil militar aproveitou fazer após a vitória. Depois da conquista, o tablóide lança uma charge⁶⁷ mostrando um casal com seis filhos maltrapilhos, ao lado da mãe, o pai segura na mão esquerda uma placa escrita AVANTE SELEÇÃO e na mão direita a bandeira do Brasil. Embaixo da charge os versos do poeta Carlos Drummond de Andrade: “E agora José? A festa acabou, A luz apagou, O povo sumiu, a noite esfriou, E agora, José?”

⁶⁶ O Pasquim. Edição 54; p. 25

⁶⁷ Idem; contracapa.

CONCLUSÃO.

A seleção brasileira que conquistou o tricampeonato mundial no México em 1970 ficou na lembrança de todos os amantes do futebol e do esporte. As arrancadas de Tostão, os gols de Jairzinho, as jogadas geniais de Pelé, os chutes de Rivelino, os lançamentos de Gérson e a solidez da defesa são lembrados até hoje. A Copa de 1970 foi à coroação de Pelé como rei do futebol e a consagração do futebol brasileiro com a posse definitiva da taça Jules Rimet.

Num primeiro momento analisamos o comportamento da revista *Veja* sobre a ótica da censura imposta aos meios de comunicação através do AI-5 e do decreto lei número 1077. Em busca de uma identidade, a revista viu na esfera política um campo a ser explorado, tanto que na sucessão presidencial em 1969 o candidato à presidência, Garrastazu Médici, foi claramente associado a maior paixão dos brasileiros, o futebol. Aqui observamos claramente a relação entre futebol, política e o papel do discurso da revista *Veja* que tentava buscar espaço no mercado. Em função disso, Médici é apresentado como homem comum e torcedor igual a qualquer cidadão.

Na segunda parte foi trabalhado o processo de transição entre a copa de 1966 até o início da copa de 1970. Este período ficou marcado por sucessivas crises no futebol brasileiro e conseqüentemente na seleção brasileira. A revista não deixou passar em branco essas crises criticando fortemente membros da cartolagem brasileira dando espaço até mesmo para uma intervenção militar na CBD como na reportagem da edição número 19 onde o governo entraria nas entranhas do futebol caso a crise não fosse superada. No campo técnico a revista não poupa críticas ao sistema defensivo de João Saldanha que introduziu um líbero na linha de defesa e nenhuma novidade tática até então. No processo de transição de treinador, *Veja* teve uma postura crítica em relação as atitudes de João Saldanha até a queda e de certa forma imparcial na escolha do novo treinador, porém com um começo muito abaixo do esperado Zagalo foi duramente criticado pela revista que não poupou críticas até o início da competição.

No terceiro capítulo desta pesquisa destacamos todo processo inovador e de referencia na preparação física dos jogadores, com um planejamento muito bem detalhado feito por uma comissão técnica experiente, a revista fez questão de elogiar toda preparação e planejamento para copa. Durante a campanha observamos uma

mudança no discurso da revista *Veja* que passou de uma opinião pessimista antes da competição para uma opinião ufanista extremamente institucionalizada e diretamente ligada ao discurso oficial do governo. A revista fez questão de associar a imagem do governo e do presidente Médici com o sucesso obtido nos gramados mexicanos. Por fim realizamos um contraponto editorial entre *Veja* e um jornal de resistência e sátira ao regime onde observamos que nem todos os meios de comunicação, durante a euforia da conquista, se deixou levar ou se aproximar do discurso oficial do governo como no caso do jornal *O Pasquim*.

Concordo com Gerson Wasen Fraga,⁶⁸ que afirma que os textos jornalísticos além do teor ideológico possuem um caráter doutrinário. Os textos são produzidos levando em consideração o contexto político, social e econômico dentro de uma lógica do que é essencialmente aceitável.

Tomando proveito da situação o regime civil militar tornou o evento esportivo como um projeto nacional associando o resultado obtido nos gramados mexicanos ao governo, com slogans ufanistas como “Brasil: ame-o ou deixe-o” e “Ninguém segura mais este país” os principais líderes políticos do país utilizaram o futebol, um elemento típico do imaginário nacional, em um sentido político e *Veja* foi instrumento desta construção. Ainda dentro desse cenário, parte significativa da população apoiou o governo em função do crescimento econômico, dando grande popularidade ao presidente Médici, que se torna símbolo de um governo eficiente aos olhos dos desavisados e dos interessados, como no caso da revista.

Como o objetivo central desse trabalho era compreender a atuação da revista *Veja* durante a cobertura da Copa do Mundo de 1970, foi constatado que a revista, contribuiu de certa forma com a construção positiva da imagem do governo Médici. Com um caráter extremamente crítico, principalmente nos momentos de crise do futebol brasileiro pós-copa de 1966, até a ligação da imagem do presidente Médici com a conquista do tricampeonato mundial, chegamos à conclusão que houve uma mudança significativa no discurso da revista *Veja*, tanto na cobertura esportiva como no intuito de associar o esporte mais popular do país com os feitos do governo.

⁶⁸ FRAGA, Gerson Wasen. *A “derrota do jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950*. Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2009; p. 39.

Finalizamos este trabalho chamando a atenção para o quanto este tipo de análise embasada em notícias de periódicos, podem nos ajudar a lançar outros olhares para importantes fatos da história de nosso país. Assim, esperamos poder realizar novos trabalhos que colaborem para o enriquecimento da historiografia brasileira, a respeito deste tema tão significativo, que atrai não só brasileiros, mas pessoas de boa parte do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

Arquivo:

Acervo Digital Veja disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

Discurso:

“O valor do homem brasileiro” Mensagem do Presidente Mpedici ao povo brasileiro, quando da vitória da Seleção no Campeonato Mundial de Futebol. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/emilio-medici/discursos-1/1970/16/view>.

Jornais:

O Pasquim disponível em: <http://www.colecaoopasquim.com.br/edcome.asp>.

Entrevistas:

Carlos Aberto Parreira, entrevista cedida para o SPORTV Repórter, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XnfpPB93Xzs&list=PL3mee_xUx0sr5IcZp_oi_hobCwBuCU2dU

João Saldanha em entrevista ao programa Roda Viva, 1987, TV Cultura. Primeira parte disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kt4uJHHwAgE>.

Filmes:

Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor – Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JYPGMktWMnc>

Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor – Chile. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qTq2lgNuniM>

Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor – Uruguai. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t5FsqH9Pcws>

Memórias do Chumbo - O Futebol nos Tempos do Condor – Argentina. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KDKcAwBZXuA>

Bibliografia:

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional.** Rio de Janeiro, Faperj/Mauad, 2002.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FICO, Carlos. **O grande Irmão: da Operação Brother Sam aos anos de chumbo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil.** 1.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FRAGA, Gerson Wasen. **A “derrota do jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950.** Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2009.

FRANÇA, Renné Oliveira. **40 anos em revista. Representações e memória social nas capas de Veja.** Tese (Doutorado) – UFMG, Programa de pós-graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2011.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.** São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

HOBBSBEM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

JORGE, Ferreira e Delgado, Lucilia de Almeida Neves (org). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. – (O Brasil Republicano; v.4).

LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina.** Tese (Doutorado) – UFF, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.

PASQUIM, O – **Antologia – Volume I – 1969-1971.** Organização: Sérgio Augusto e Jaguar. Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Fumo, Record, 2007.

SANTORO SALVADOR, Marco Antônio & SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **A memória da copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VASCONCELLOS, Douglas W. de. **Esporte, Poder e Relações internacionais.** Brasília: Fundação Gusmão, 2011.

ANEXOS

Anexo A - Jogadores

Número de inscrição	Nome do Atleta.	Clube	Posição
01	Félix	Fluminense	Goleiro
02	Brito	Flamengo	Zagueiro
03	Piazza	Cruzeiro	Zagueiro
04	Carlos Alberto Torres	Santos	Lateral Direito
05	Clodoaldo	Santos	Médio volante
06	Marco Antônio	Fluminense	Lateral Esquerdo
07	Jairzinho	Botafogo	Ponta Direita
08	Gérson	São Paulo	Meia Esquerda
09	Tostão	Cruzeiro	Centro Avante
10	Pelé	Santos	Atacante
11	Rivelino	Corinthians	Ponta Esquerda
12	Ado	Corinthians	Goleiro
13	Roberto	Botafogo	Centro Avante
14	Baldochi	Palmeiras	Zagueiro
15	Fontana	Cruzeiro	Zagueiro
16	Everaldo	Grêmio	Lateral Esquerdo
17	Joel	Santos	Zagueiro
18	Paulo Cesar “Caju”	Botafogo	Meio de Campo
19	Edu	Santos	Ponta Esquerda
20	Dario – “Dadá Maravilha”	Atlético	Centro Avante
21	Zé Maria	Portuguesa	Lateral Direito
22	Leão	Palmeiras	Goleiro

Fonte: Revista Veja 24/07/1970; p. 54 e 55.

Anexo B – A Campanha

Eliminatórias para copa:

Brasil 2 x 0 Colômbia (Bogotá). Gols: Tostão (2).

Brasil 5 x 0 Venezuela (Caracas). Gols: Tostão (3) e Pelé (2).

Brasil 3 x 0 Paraguai (Assunção). Gols: Mendoza (contra), Jairzinho e Edu.

Brasil 6 x 2 Colômbia (Rio). Gols: Tostão (2), Edu, Pelé, Rivelino e Jairzinho.

Brasil 6 x 0 Venezuela (Rio). Gols: Tostão (3), Pelé (2) e Jairzinho.

Brasil 1 x 0 Paraguai (Rio). Gol: Pelé.

6 Jogos	6 vitórias	Gols 23	Gols contra 2	Saldo de gols 21
---------	------------	---------	---------------	------------------

Fonte: <http://copadomundo.uol.com.br/historia-da-copa/1970-mexico/campeao/>

Consultado no dia 11/07/2015.

Jogos da copa:

Primeira Fase

Brasil 4 x 1 Checoslováquia. Gols: Jairzinho (2), Rivelino e Pelé.

Brasil 1 x 0 Inglaterra. Gol: Jairzinho.

Brasil 3 x 2 Romênia. Gols: Pelé (2) e Jairzinho.

Quartas de Final

Brasil 4 x 2 Peru. Gols: Tostão (2), Rivelino e Jairzinho.

Semi Final

Brasil 3 x 1 Uruguai. Gols: Clodoaldo, Rivelino e Jairzinho.

Final

Brasil 4 x 1 Itália. Gols: Pelé, Gérson, Jairzinho e Carlos Alberto.

6 Jogos	6 vitórias	Gols 19	Gols contra 7	Saldo de gols 12
---------	------------	---------	---------------	------------------

Fonte: Revista Veja 24/07/1970; p. 48.